

ASSATA SHAKUR

REVOLUCIONÁRIA NEGRA



COLEÇÃO
PANTERISMO



adandê



ASSATA SHAKUR

REVOLUCIONÁRIA NEGRA



Copyleft 2024 © *Todos os direitos para todos*

Organização, adaptação e revisão:

Editorial Adandé

Tradução:

Editorial Adandé e Assata Shakur em Português

Projeto gráfico, capa e diagramação:

Gato Preto CC

Impressão e acabamento:

Cooperativa de Artes Gráficas Uhuru

Este livro é uma iniciativa militante e autogestionária, produzido pelo Editorial Adandé com o objetivo de colaborar para a formação teórica de lutadores e lutadoras do povo e com a difusão do pensamento revolucionário. O compartilhamento ou a reprodução total ou parcial desta obra é permitida e incentivada para fins não-comerciais e desde que citados os autores.

1ª edição, julho de 2022.

2ª impressão, março de 2024.

Editorial Adandé – Casa da Resistência

Rua César Martins da Silva, nº 35, Centro.

CEP: 44001-508 – Feira de Santana, Bahia - Brasil.

www.editorialadande.com

instagram.com/editorialadande

facebook.com/editorialadande

twitter.com/editorialadande



Essa coleção de publicações reunindo escritos de destacados combatentes da libertação negra vinculados à tradição política do Partido Pantera Negra nos EUA, tem como objetivo popularizar a construção teórico-política do que chamamos de *panterismo*, ou seja, a combinação de uma estratégia socialista, revolucionária e anticolonial com o trabalho de massas, o desenvolvimento de programas comunitários, uma dinâmica permanente de autodefesa popular e a organização político-militar para construir um processo revolucionário de ruptura com a dominação capitalista e a supremacia branca, que acreditamos, mantém sua atualidade. Ainda hoje, muitas décadas depois, diversos revolucionários e combatentes, protagonistas das lutas de libertação negra nos anos 1960 e 1970, seguem como prisioneiros políticos do Complexo Industrial-Prisional dos EUA.

Além do caso mais conhecido de Mumia Abu Jamal, jornalista, ex-pantera negra e integrante da Organização MOVE, reforçamos também o chamado para a solidariedade e mobilização pela libertação de militantes históricos do Black Panther Party (BPP), da República Nova África, do Black Liberation Army (BLA), da Weather Underground Organization (WUO), do American Indian Movement (AIM) e de outros grupos revolucionários que seguem como “prisioneiros de guerra” da América branca e imperialista.



SUMÁRIO

- ASSATA, AQUELA QUE LUTA** • *pág. 8*
- SOBRE O PARTIDO PANTERA NEGRA** • *pág. 16*
- PARA MEU POVO** • *pág. 24*
- MENSAGEM AO MOVIMENTO NEGRO** • *pág. 30*
- DECLARAÇÃO DE ABERTURA** • *pág. 48*
- PRISIONEIRA NOS ESTADOS UNIDOS** • *pág. 56*
- SOBRE O COMPLEXO INDUSTRIAL-PRISIONAL** • *pág. 72*
- SOCIALISMO E COMUNISMO** • *pág. 76*
- UMA CARTA AO PAPA** • *pág. 82*
- CARTA ABERTA** • *pág. 88*
- CUBA, SOCIALISMO E ANTIRRACISMO** • *pág. 94*
- DO EXÍLIO COM AMOR** • *pág. 106*
- MENSAGEM PARA MINHAS IRMÃS** • *pág. 114*
- ASANTE SANA** • *pág. 118*



Assata Shakur e Aleida Guevara, filha do comandante Ernesto Guevara, em Cuba (2000).

ASSATA, AQUELA QUE LUTA

É um fim de manhã ensolarado de uma terça-feira, dia 11 de setembro de 1979, e o tempo seco de outono é uma característica desse período em Nova Jersey. Por volta das 11h, um operativo batizado como “A Família” leva a cabo uma ação de expropriação do carro-forte que saía carregado de dólares da loja de departamentos *Bamberger’s*, no distrito de Paramus. Dois guardas são feitos reféns e os revolucionários que pertenciam ao Exército de Libertação Negra (BLA, na sigla em inglês) e a Organização Comunista de 19 de Maio (M19CO) conseguem levar 105 mil dólares, após uma bem sucedida fuga e a liberação dos guardas. O comando guerrilheiro, do qual participam Mutulu Shakur, Marilyn Buck, Kuwasi Balagoon e outros revolucionários negros tem um objetivo claro, financiar a operação para libertar Assata Shakur.

Quase dois meses após a expropriação de Paramus, em 2 de novembro daquele ano, um novo operativo de “A Família” irá colocar em prática o plano de libertação de Assata. Os revolucionários que protagonizaram a ação sintetizam bem o cenário da luta armada revolucionária nos EUA em fins dos anos 1970, após uma década inteira de brutal repressão do FBI e do COINTELPRO que atingiu fortemente não apenas os panteras negras e o BLA, mas também a Weather Underground Organization (WUO) e as organizações revolucionárias de chicanos, porto-riquenhos e nativos americanos. O Dr. Mutulu Shakur, foi um integrante do Revolutionary Action Movement (RAM) e um dos fundadores da Republic of New Afrika (RNA) que se juntou aos ex-panteras na formação do BLA, se casou com Afeni Shakur em 1975 e foi padrasto de quem anos mais tarde viria a ser o maior ícone do rap nos EUA, Tupac Shakur. Sekou Odinga, havia se juntado a Organização da Unidade Afro-Americana (OAAU), fundada por Malcolm X, antes de se tornar uma liderança do Partido Pantera Negra em Nova York, depois

participar da seção internacional do BPP liderada por Eldridge Cleaver na Argélia e finalmente aderir ao BLA. Marilyn Jean Buck foi uma poeta marxista e militante anti-imperialista que compôs o Comitê Organizador Fogo na Pradaria (PFOC, na sigla em inglês), primeiro ligada a WUO e depois a May 19th Communist Organization, sendo a única mulher branca a também participar organicamente do BLA. Silvia Baraldini, uma revolucionária italo-americana que participou ativamente da mobilização no caso Panther 21 e no apoio a organização revolucionária porto-riquenha Fuerzas Armadas de Liberación Nacional (FALN), foi também do PFOC e da M19CO. Mtyari Sundiata foi um integrante da Republic of New Afrika que aderiu ao BLA.

Na data que entraria para a história política dos EUA como o “Dia da Libertação de Assata Shakur”, Odinga se passando por visitante e aproveitando o baixo nível de segurança da penitenciária consegue entrar no Clinton Correctional Facility for Women, em Nova Jersey, após localizar JoAnne Chesimard lhe passa uma arma e rendem os guardas prisionais usando pistolas, tomam uma van do Centro Correcional e conseguem escapar com Cleo, codinome usado para identificar Assata, que é caracterizada pela repressão como a alma do Black Liberation Army. Mutulu, Mtyari Sundiata e Marilyn Buck também estão presentes na ação, um segundo carro dirigido Silvia Baraldini ainda é usado na fuga após abandono da van e os guardas sequestrados. Assata é levada para um aparelho e vai permanecer por alguns meses clandestina em diversos locais do país até seguir em fuga para as Bahamas em 1980 e ser acolhida como exilada política pelo governo cubano oficialmente em 1984. Diversas demonstrações de solidariedade do movimento de libertação negra ocorrem nos EUA e um grande ato é realizado alguns dias após a ação de libertação de Assata com cerca de 5 mil manifestantes em Nova York carregando cartazes com a palavra de ordem “Assata Shakur é bem-vinda aqui”, demonstrando apoio a JoAnne e a reivindicação do BLA por uma nação negra independente.

Assata Shakur desempenhou um papel importante no processo de reorganização do Exército de Libertação Negra que havia sido atingindo por uma brutal repressão após a intensa atividade armada que a organização desenvolveu entre 1971-72, mas foi a partir do episódio da sua prisão em 2 de maio de 1973, os sete julgamentos criminais contra ela que se seguiram até 1977 e a mobilização realizada pelo Comitê em Defesa de Assata Shakur, que JoAnne tornou-se uma figura pública nacionalmente conhecida. No incidente de 1973, que ocorreu quando um carro com integrantes do BLA foi parado pela polícia na autoestrada de Nova Jersey, Assata e o policial estadual James Harper foram baleados, Zayd Malik Shakur e o policial Werner Foerster morreram, Assata ficou ferida, sendo presa juntamente com Sundiata Acoli.

O BLA não era uma organização de tipo tradicional, era muito mais um conceito organizacional, com grupos armados que atuavam de forma compartimentada e com pouca coordenação entre si, sem uma liderança central. A formação do BLA remonta a dois fatores fundamentais da luta de libertação negra nos EUA, primeiro ao processo de radicalização de Malcolm X no fim de sua vida e a orientação política que deu contornos iniciais a noção de “nacionalismo negro revolucionário”, e segundo, as violentas lutas internas dentro do Partido Pantera Negra em 1971, cujo símbolo maior foi o bate-boca público entre Huey Newton e Eldridge Cleaver, mas que envolveram também a expulsão de Geronimo Ji-Jaga, então Vice-Ministro da Defesa do Partido, a briga entre o Comitê Central e o capítulo de Nova York no contexto do caso Panther 21, e os assassinatos dos panteras Robert Webb e Samuel Napler, que foram atribuídos as facções em luta no BPP.

El-Hajj Malik Al-Shabazz, ou Malcolm X, a mais proeminente figura da luta negra nos EUA, ao lado de Martin Luther King Jr., havia rompido com a Nação do Islã (NOI) e a filosofia de Elijah Muhammad em 1964, ao se afastar da NOI da qual foi um eloquente porta-voz, fundou a Organização da Unidade Afro-Americana (OUAA) e coordenou um pro-

jeto político paralelo com Max Stanford, que havia fundado em 1962 o Movimento de Ação Revolucionária (RAM, na sigla em inglês), uma organização que mesclou o nacionalismo negro e a orientação marxista-leninista com forte influência maoísta, iniciando a construção das Guardas Negras como seu braço armado. Segundo Malcolm, a OUAA deveria ser uma frente ampla com atuação pública e o RAM a organização clandestina e armada para autodefesa do povo negro. O movimento de Malcolm para avançar no projeto de uma organização nacionalista negra revolucionária envolvia também Robert F. Williams, antigo líder da Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor (NAACP), então exiliado em Cuba e depois na China maoísta, e que viria a se tornar presidente honorário da República da Nova África.

O projeto nacionalista nacionalismo negro revolucionário de Malcolm, Stanford e Williams, seria fortemente abalado com o assassinato do carismático líder muçulmano negro em 21 de fevereiro de 1965, que falsamente foi atribuído a NOI, mas que sempre teve por trás a CIA e o FBI. A morte de Malcolm foi um duro golpe para a luta de libertação negra nos EUA, mas a linha política do RAM terá sequênciã tanto no Partido Pantera Negra, quanto no Exército de Libertação Negra.

Fundado por Bobby Seale e Huey Newton em 15 de outubro de 1966 como Partido Pantera Negra para Autodefesa, o BPP teve uma ascensão meteórica. Em 1970, classificado como “a maior ameaça à segurança interna do país” pelo diretor do FBI, J. Edgar Hoover, o partido reunia milhares de militantes e apoiadores, com 250 mil leitores do jornal *The Black Panther*, quase 70 escritórios espalhados pelos EUA e mais de 60 programas comunitários de sobrevivência funcionando por todo o país que envolviam alimentação, saúde, educação, moradia, etc. A mobilização das massas negras marginalizadas e a política de unidade antifascista, multirracia e revolucionária com os demais setores oprimidos na América racista que se materializou na formação da “Frente Unida Contra o Fascismo” (UFAF), reu-

nindo organizações de chicanos, porto-riquenhos, brancos pobres, povos originários e outros setores, alertava o governo dos EUA, que manteve uma política permanente de perseguição, prisão e assassinatos de lideranças, como do promissor presidente dos panteras em Illinois, Fred Hampton, 4 de dezembro de 1969. O partido, que entendia o povo negro como uma “colônia interna” dos EUA, também conseguiu um forte respaldo internacional de regimes socialistas como da China, de Cuba, do Vietnã e da Coreia Popular, além de manter uma seção internacional do partido baseada na Argélia (ver detalhes em *O Manejo Correto de uma Revolução*, Huey P. Newton, 2021, *Coleção Panterismo*).

A saída de Huey da prisão em 1970 e o processo de controle do partido pelo Comitê Central abrem também uma grave crise interna a partir de 1971, agravada em muito pelo alto e sofisticado nível de repressão do COINTELPRO, uma operação de guerra do FBI através de um programa ilegal e clandestino, cujo objetivo, segundo o próprio J. Edgar Hoover, era “expor, perturbar, desviar, desacreditar, neutralizar e eliminar” militantes e dirigentes do BPP. O FBI produz centenas informações falsas e infiltrações, que somadas as divergências ideológicas e as lutas internas, ocasionam expurgos, proibição de novos membros e diversos problemas dentro da organização. É a soma da divergência entre Newton e Eldridge Cleaver, que acusou o Ministro da Defesa de desvios reformistas, e a crise entre capítulo de Nova York e o Comitê Central, onde as lideranças de NY acusam o CC de falta de apoio jurídico e financeiro para o caso Panther 21 e são acusados, por sua vez, de desvios reacionários e “nacionalistas culturais”, que vão colaborar com o racha entre as facções em luta e o surgimento do Black Liberation Army.

A retórica revolucionária de Cleaver, que se desloca do exílio em Cuba para a Argélia, alegando falta de apoio do governo revolucionário da Ilha para a luta armada nos EUA, se soma ao trabalho de mobilização clandestina para a guerrilha urbana realizado por Geronimo Ji-Jaga, que era um experiente ex-militar condecorado do Vietnã e foi expulso por

Huey do partido, além da liderança de Zayd Shakur, de Dhoruba bin Wahad e de Sekou Odinga, que retornou da Argélia na clandestinidade, possibilitam a formação da nova organização, que mesmo com uma estrutura mais descentralizada controla boa parte do antigo BBP em Nova York, alguns capítulos locais pelo país e dá início a um novo jornal, o *Right On!*.

Renegando, em certa medida, a liderança de Cleaver do exterior e o nome Exército de Libertação Afro-Americano que havia sugerido, mas conseguindo aglutinar também membros veteranos da luta negra radical do RAM e da RNA, além de ex-panteras e outros grupos negros, a primeira fase do BLA é marcada pela controversa liderança de Dhoruba bin Wahad e uma alto grau de violência e repressão. A guerrilha negra, atuando muitas vezes de forma coordenada com os radicais brancos da Weather Underground, responde à guerra racial da América contra o povo negro com assassinatos de policiais, expropriações e atentados em diversas partes dos EUA. A pesada repressão que se abate sobre o BLA e a WOU, induz ao trabalho cada vez mais coordenado entre as organizações revolucionárias, também surgem novos grupos armados como a M19CO, a partir da destruição da Weather Underground e com uma liderança feminina, além do polêmico Exército Simbionês de Libertação (SLA) entre 1973-75, as combativas Fuerzas Armadas de Liberación Nacional porto-riquenha, a partir de 1976, e a maoísta New World Liberation Front (NWLFF), em 1977, que com outros grupos radicais menores mantém viva a opção pela luta armada revolucionária no coração da besta imperialista por toda a década de 1970, realizando dezenas e dezenas de atentados, expropriações e ações de propaganda armada. Surgem experiências de colaboração político-militar como “A Família” e o BLA vai se reinventando nesses anos sob a liderança de Mulutu Shakur, mantendo suas atividades armadas até 1981, quando a maioria dos seus combatentes estavam finalmente mortos, presos ou exilados. A luta armada nos EUA ainda se estenderia heroicamente até 1985 com a M19CO, a United Freedom Front (UFF) e ações pulverizadas de pequenos grupos revolucionários.

É dessa geração de revolucionários e revolucionárias que decidiram enfrentar o demônio yankee dentro da sua própria casa que Assata Shakur faz parte. Uma representante do mais avançado setor da luta de libertação negra nos EUA. Sua bem-sucedida fuga da prisão através da ação do comando guerrilheiro “A Família” em 1979 representou uma grande humilhação para a aperfeiçoada e brutal repressão da América racista. Vivendo exilada em Cuba sob proteção do governo socialista desde 1984, Assata Shakur é uma mulher negra que simboliza a luta revolucionária contra o racismo e o capitalismo, que ousou enfrentar o Império e por isso figura no topo da lista de terroristas mais procuradas pelo FBI desde 2013, com uma recompensa de US\$ 2 milhões por sua captura.

A opção radical de JoAnne Deborah Byron, seu nome de batismo, pode ser sintetizada pela passagem da sua *Carta ao Meu Povo*, quando afirma que “revolucionários negros não caem do céu”, e completa dizendo que “somos criados por nossas condições” e “moldados na nossa opressão”. JoAnne nasceu em 16 de julho de 1947, no bairro pobre conhecido como South Jamaica, no Queens, em Nova York, mas passou parte da infância com seus avós em Wilmington, na Carolina do Norte, e retornou para Nova York, onde concluiu seus estudos e foi acolhida por sua tia materna, Evelyn A. Williams, uma ativista negra dos direitos civis.

Em 1967 foi presa pela primeira vez após protestos estudantis, e nesse mesmo ano, se casou com seu colega e ativista, Louis Chesimard. Mudou-se para Oakland, onde ingressou no Partido Pantera Negra e atuou nos programas de sobrevivência. Após se separar em 1970, voltou para Nova York onde assumiu um papel de liderança no capítulo do BPP no Harlem. A partir da influência da República da Nova África, organização revolucionária da qual Betty Shabazz, viúva de Malcolm, era uma integrante notável, e que levantou a reivindicação de uma nação negra independente na região do chamado “Cinturão Negro”, no sudeste dos EUA, JoAnne adotou a partir de 1971 o nome Assata Olugbala Shakur. Assata vem da tradição muçulmana na África

Ocidental e significa “aquela que luta”, Olugbala é um nome yorubá que significa “amor pelo povo” ou “salvação”, Shakur significa “agradecido” e foi adotado como sobrenome por JoAnne pelo fato de ter sido adotada simbolicamente por El Hajj Sallahudin Shakur, um veterano muçulmano negro próximo a Malcolm X, pai biológico dos panteras que também aderiram ao BLA, Zayd Malik e Lumumba Abdul Shakur, que foi marido de Afeni, mãe de Tupac. O nome tem origem histórica em Muhammad ibn 'Ali 'Abd ash-Shakur, o último Emir de Harar na Etiópia (1856-1875).

Absolvida em seis dos sete julgamentos que enfrentou, Assata engravidou de Kamau Sadiki em 1973, seu companheiro de BLA e também preso político, dando à luz ainda encarcerada a sua primeira e única filha, Kukuya Amala. Tratada barbaramente na prisão, foi condenada à prisão perpétua em 1977 por um júri racista em um julgamento tendencioso. Assata se definiu como “uma revolucionária negra”, que declarou “guerra aos ricos que prosperam com a nossa pobreza, aos políticos que mentem para nós com rostos sorridentes e a todos os estúpidos, robôs sem coração que protegem a eles e a sua riqueza”, se tornando um símbolo de resistência contra a América racista, cantada em músicas como “Rebel Without a Pause” do Public Enemy, “A Song for Assata” de Common e “Words of Wisdom” do seu afilhado Tupac Shakur, também foi tema de documentários e seu caso permanece com uma questão diplomática entre Cuba e os diferentes governos reacionários dos EUA.

Nesta antologia política que apresentamos aqui com novas traduções, cartas, documentos e entrevistas, Assata narra por suas próprias palavras a trajetória de uma prisioneira de guerra e exilada política que “defendeu e segue defendendo mudanças revolucionárias”, com o “fim da exploração capitalista, a abolição das políticas racistas, a erradicação do sexismo e a eliminação das políticas de repressão”, como afirmou em sua *Carta ao Papa*.

SOBRE O PARTIDO PANTERA NEGRA

*Assata Shakur**

A organização mais importante da minha lista para conhecer melhor era a sede do Partido Pantera Negra em Oakland. Eu tinha muito respeito pelos Panteras e havia sido muito influenciada por eles, assim como a maioria das pessoas mais ou menos da minha idade que conhecia. Sempre que ouvíamos sobre Huey Newton e Bobby Seale se levantando contra a estrutura de poder, nós comemorávamos e dizíamos: “Isso!”. Pra mim, os Panteras eram “sinistros”. O Partido era mais que sinistro, eles eram audaciosos. A audácia imensa de entrar no Senado com rifles, exigindo que o Povo Negro tivesse o direito de carregar armas e o direito à autodefesa, me fez parar e prestar bastante atenção neles. E quanto mais politizada eu ficava, mais os admirava. Os Panteras não tentavam soar nem um pouco intelectual, falando da burguesia nacional, do complexo industrial-militar, da classe dominante reacionária. Eles simplesmente chamavam um porco de porco. Eles não se referiam ao exército repressor do país ou ao aparato repressivo do Estado. Eles chamavam os policiais racistas de porcos e vermes racistas.

Uma das coisas mais importantes que o Partido fazia era deixar bem claro quem era o inimigo: não os brancos, mas os opressores capitalistas e imperialistas. Eles elevaram a luta pela libertação do Povo Negro de um contexto nacional para um contexto internacional. O Partido apoiava lutas e governos revolucionários em todo o mundo e insistia para

* Passagem retirada do capítulo 13 do livro *Assata: An Autobiography* (Lawrence Hill Books, EUA, 1998), páginas 203-207. A primeira edição da Autobiografia de Assata Shakur foi publicada em 1988, pela editora independente inglesa Zed Books.

que os eua* saíssem da África, da Ásia, da América Latina e também dos guetos. Eu cheguei a conhecer alguns dos Panteras em Nova York quando eles deram palestras na Faculdade Comunitária de Manhattan após nós os convidarmos. Eu me comprometi a ir em alguns dos escritórios do Partido Pantera Negra de Nova York e oferecer ajuda com algumas coisas, qualquer coisa que eles precisassem que fosse feito. Eu ficava feliz em fazer. Raramente abria a boca. Eu apenas observava, ouvia e trabalhava. Alguns dos companheiros perguntavam por que eu não ingressava: “Eu provavelmente vou, algum dia”, eu sempre respondia.

Quando eu ouvi que os Panteras de Nova York haviam sido presos, eu fiquei irada. As tais acusações de conspiração eram tão estúpidas que até um idiota poderia perceber. A polícia realmente teve a audácia de acusá-los em planejar explodir as flores do Jardim Botânico. E os 21 eram alguns dos irmãos e irmãs mais sinistros, mais formados politicamente do Partido. Era um insulto. Eu pensei em ingressar no Partido naquela época, mas eu tinha outras coisas que queria fazer e precisava passar despercebida para fazê-las.

Por mais que eu gostasse do Partido, eu também tinha algumas diferenças reais com o jeito deles trabalharem. Enquanto eu abria o portão da frente da sede de Oakland, eu me senti tão nervosa como no dia dos dobermans correndo em volta do quintal. Um irmão abriu a porta e eu ansiosamente falei que era de Nova York e que tinha ido lá conhecer o Partido. Ele pareceu estar feliz em me ver e me levou para um quarto para conhecer outros Panteras. Um grupo de ir-

* Em muitos dos seus escritos Assata utiliza letras minúsculas para diminuir a importância do significado de termos supremacistas brancos como “eua” e “ku klux klan”. Ao contrário, também escreve com letras maiúsculas termos que se referem ao Povo Negro. É possível ainda encontrar em seus textos trocas de letras na grafia de palavras como “amérika” ou “korte”, em referência ao termo em alemão, fazendo alusão ao nazismo ou a Ku Klux Klan. Assata também utiliza o pronome “eu” sempre em minúsculo, para demarcar o caráter coletivo da luta de libertação negra.

mães e irmãos estava sentado em um quarto, conversando e rindo. Eles me saudaram, passando uma cadeira para que eu sentasse. Artie Seale [esposa de Bobby] estava lá e eu tive que me controlar para que não ficasse olhando muito para ela. Imaginei como ela deveria se sentir com seu marido na cadeia, sendo coagido, amordaçado e censurado na *korte*. Eu reconheci os nomes dos outros. Era estranho estar naquele quarto com aquelas pessoas. Era como estar sentada nas páginas de um livro de história.

Eles me perguntaram sobre Nova York e falei sobre o que estava acontecendo com os estudantes negros na Faculdade Comunitária de Manhattan, o CCNY e o movimento estudantil negro em geral, o movimento antiguerra, trabalhadores negros da construção civil e outros trabalhos nos quais estava envolvida na época. Falei que tinha feito alguns trabalhos para os Panteras de Nova York e listei algumas pessoas que conhecia. Alguém perguntou por que eu nunca ingressei no Partido.

Meio gaguejando, eu falei para eles que havia pensado sobre, mas decidi por não entrar. “E porquê?”, todo mundo quis saber. Foi difícil para mim dizer, porque eu sentia tanto respeito e amor por aquelas irmãs e irmãos sentados lá, mas eu sabia que me odiaria se não falasse o que eu estava pensando: que eu havia me desanimado pelo jeito com o qual os porta-vozes do Partido falavam com o povo, que sua atitude quase sempre era arrogante, impertinente e desrespeitosa. Eu contei que preferia a maneira educada e respeitosa a qual os trabalhadores pelos direitos civis e muçulmanos negros falavam com o povo ao invés do jeito arrogante, o *estilo foda-se* que era popular em Nova York.

Quando terminei, esperei ansiosamente, aguardando totalmente que eles viessem rebatendo tudo o que eu tinha falado. Para a minha profunda surpresa, ninguém o fez. Todo mundo concordou que se esse realmente era o jeito como os membros do Partido estavam se relacionando com o povo, eles deveriam mudar isso de uma vez. Uma das irmãs apontou que havia uma crise de liderança no capítulo

de Nova York causada pelas prisões dos 21 Panteras. Era bem conhecido de todo mundo no movimento que a polícia de Nova York havia sequestrado os líderes mais experientes, capazes e inteligentes e pedido 100 mil dólares em fiança. Um dos irmãos explicou que os Panteras estavam enfrentando problemas por todo o país por causa da perseguição feita pelos porcos. Nós passamos o resto da tarde toda falando sobre a luta negra em Nova York e nos EUA em geral. Eu estava aprofundado numa discussão sobre estratégia e tática quando Emory Douglas entrou. Eu fiquei feliz como uma abelha numa fábrica de pólen em conhecê-lo. Eu curti meu trabalho com artes e até coleí algo que ele escreveu sobre arte revolucionária na porta do meu armário. Nós nos demos bem de cara e quando todo mundo parou de falar, ele me levou lá pra cima para eu ver como os jornais dos Panteras Negras eram feitos.

Eu fiquei bastante impressionada com os Panteras de Oakland. Depois da minha primeira visita, eu fui ao escritório deles regularmente. Eu visitei alguns dos outros núcleos da área, falando com as pessoas e fazendo sempre um monte de perguntas. Passei umas duas noites trabalhando no centro de distribuição do jornal, que era localizado no distrito de Fulton, em São Francisco. Era uma viagem! Os jornais só eram pegos impressos até tarde da noite e as pessoas ainda trabalhavam até altas horas da madrugada separando e os preparando para distribuição aos escritórios dos Panteras em todo o país. Os Panteras trabalhavam lá, mas a maioria parecia ser de irmãos e irmãs da comunidade que tinham só chegado junto para ajudar. Havia muitos jovens lá e alguns irmãos e irmãs mais velhos. Enquanto embrulhávamos os jornais em pacotes, imprimíamos endereços e contávamos os jornais, nós cantávamos canções dos Panteras e palavras de ordem. De vez enquanto, alguns iam lá fora tomar um gole do “cachorro amargo”. Isso foi supostamente inventado pelos Panteras e era feito de vinho vermelho e suco de limão. Não era muito ruim, depois me acostumei e após 1h da manhã, eu estava amando. Trabalhar na distri-

buição do jornal nem parecia trabalho – era mais como uma festa. Alguém sempre me dava uma carona até em casa e eu caía num sono alegre, me sentindo renovada e revigorada.

Estava em todos os jornais, fazendo barulho nas rádios, mas mesmo assim eu não conseguia acreditar. A face do jovem sério com uma arma se recusava a sair da minha cabeça. Eu devo ter pegado e largado o mesmo jornal umas cem vezes. Essa merda era séria! Dezesete anos com um rifle sob sua jaqueta. Dezesete anos e tomando a liberdade com suas próprias mãos. Dezesete anos e desafiando toda a estrutura porca de poder da américa. Dezesete anos e morto. Lágrimas que eu nem sabia que tinha caíram. Peguei o telefone para achar alguém que pudesse me explicar tudo. Quem era Jonathan Jackson? Quem era o jovem que conseguiu libertar um prisioneiro negro, pegando um advogado e um juiz verme como reféns, gritando: “Nós somos os revolucionários! Soltem os Irmãos Soledad até 12:30h?”. Quem era ele?

Eu tinha apenas ouvido vagamente sobre os Irmãos Soledad. Um irmão que sabia tudo sobre o caso me explicou. Três prisioneiros negros desarmados foram baleados no pátio por um guarda branco. Um júri considerou o caso como “homicídio justificável”. Depois do veredicto, um guarda branco foi encontrado morto. Três prisioneiros negros e conscientes politicamente foram acusados de assassinato e jogados na solitária. Todos receberam pena de morte. John Clutchette, Fleeta Drumgo e George Jackson eram os irmãos acusados de assassinato. George Jackson, um brilhante teórico revolucionário e escritor, era irmão de Jonathan Jackson.

Eu não conseguia tirar tudo aquilo da cabeça. Por que homens e mulheres crescidos estavam vivendo enquanto Jonathan Jackson estava morto? Que tipo de ódio, que tipo de opressão e que tipo de país formou aquele jovem? Eu me senti culpada por estar viva e bem. Onde estava minha arma? E onde estava minha coragem?

Minhas lágrimas secaram quando eu fui ao funeral. Havia centenas de pessoas. Mal conseguimos entrar na Igreja. Eles arrumaram uma caixa de som para que as pessoas pudessem ouvir o sermão. Os Panteras Negras, solenemente determinados, marcharam em formação militar. Eu estava muito, muito feliz por eles estarem lá. O Povo Negro precisa de alguém para se levantar ou nós sempre seremos vítimas. Eu fiquei com meus braços bem perto de mim, me sentindo um pouco embaraçada. A vida para nós fica tão feia. Se eu continuar vítima, isso vai me matar, eu pensei. Era hora de me concentrar. Eu queria ser uma das pessoas que se levantavam. Eram tempos sombrios.

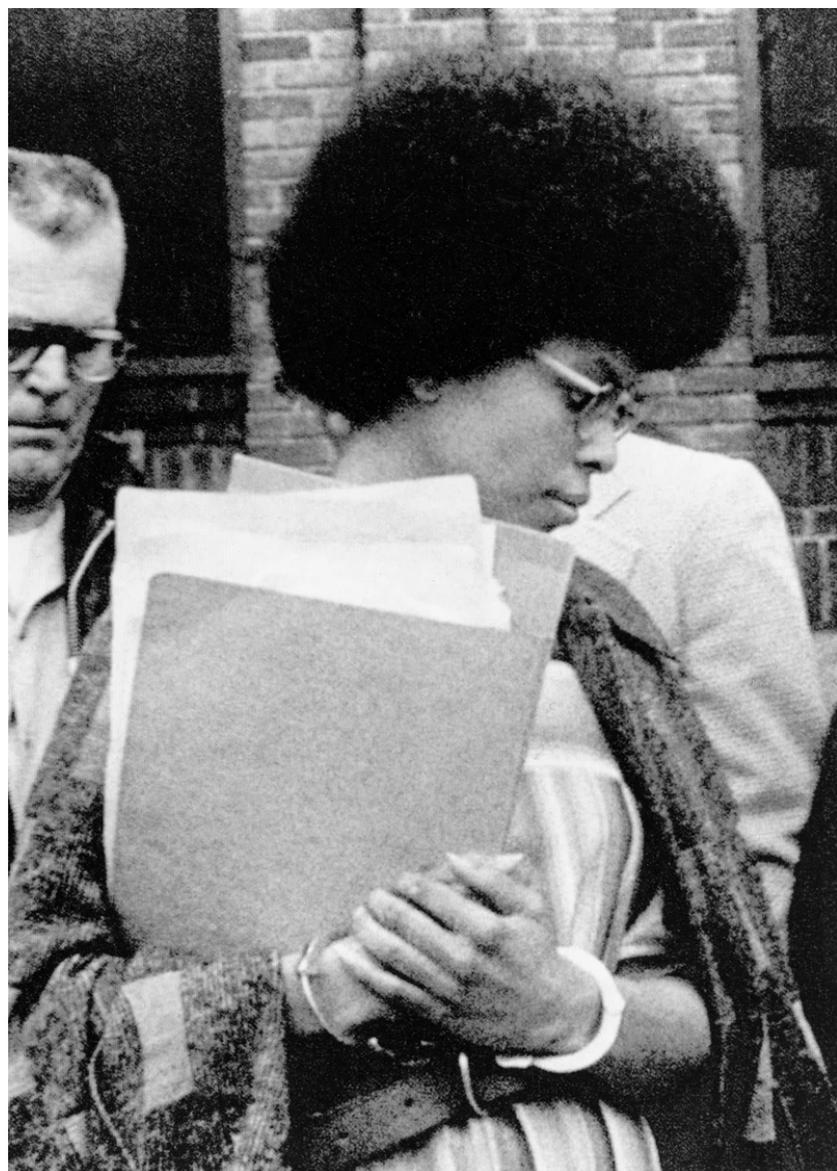
Angela Davis estava fugindo para salvar sua vida. Eles haviam ligado ela a Jonathan Jackson, acusando-a de sequestro e assassinato na *korte* de justiça, mesmo ela não estando na cena. Eles a acusaram de assassinato porque alegaram que algumas das armas usadas pertenciam a ela. Ela era uma das mulheres mais lindas que eu já vi. Não fisicamente, mas espiritualmente. Eu sabia quem ela era porque estava guardando recortes sobre ela no meu arquivo. Ela era a irmã que foi demitida do seu emprego de professora na Universidade da Califórnia porque falou para todo mundo que era comunista e que se não gostassem, que se danassem.

Mas eu não fiquei surpresa. Eles vão processar o Povo Negro por qualquer coisa, usando qualquer desculpa esfarapada. Nós ficamos muito felizes que eles não a pegaram. Eu estava torcendo para que nunca pegassem. O ar estava eletrizado, tudo estava acontecendo tão rápido e eu não estava mais cega. Estava vendo tudo com clareza, vendo com mais clareza do que nunca. Tinha tanta coisa para fazer. Se você é surdo, mudo e cego para o que está acontecendo no mundo, você não tem obrigação de fazer nada. Mas se você sabe o que está acontecendo e não faz nada além de ficar com a bunda sentada, então você não é nada mais que um moleque.

Eu tentei explicar como me sentia para algumas pessoas que conhecia. Eu queria lutar em tempo integral. Eles me

encorajaram a entrar no Partido. Eu repassei na minha mente todas as críticas que eu tinha ao Partido. Eles falaram: “Você vai ser boa para o Partido e o Partido vai ser bom para você. O Partido é tão forte quanto seus membros”. Fez muito sentido para mim. Pela primeira vez em meses, eu me senti calma e certa do que iria fazer. Falei para eles que a primeira coisa que iria fazer quando voltasse para Nova York seria me juntar ao Partido.

Eu pensei sobre isso em todo caminho de volta. De todas as coisas que queria ser quando era criança, uma revolucionária certamente não era uma delas. E agora isso era a única coisa que queria fazer. Todo o resto era secundário. Ocorreu-me que apesar de querer me tornar uma revolucionária mais do que qualquer coisa no mundo, eu ainda não tinha a menor ideia do que tinha que fazer para me tornar uma.



PARA MEU POVO

*Assata Shakur**

Irmãos negros e irmãs negras, quero que vocês saibam que amo vocês e espero que em algum lugar nos seus corações vocês tenham amor por mim. Meu nome é Assata Shakur (nome de escrava JoAnne Chesimard) e eu sou uma revolucionária. Uma revolucionária negra. Isso significa que declarei guerra a todas as forças que têm estuprado nossas mulheres, castrado nossos homens e mantido nossas crianças com as barrigas vazias.

Eu declarei guerra aos ricos que prosperam com a nossa pobreza, aos políticos que mentem para nós com rostos sorridentes e a todos os estúpidos, robôs sem coração que protegem a eles e a sua riqueza.

Eu sou uma revolucionária negra, e, como tal, sou vítima de toda a ira, ódio e difamação que a América é capaz. Como a todos os outros revolucionários negros, a América está tentando me linchar.

Eu sou uma mulher negra revolucionária, e por causa disso tenho sido culpabilizada e acusada de cada suposto crime do qual seria possível uma mulher participar. Os crimes alegados, nos quais, supostamente, somente homens foram envolvidos, eu tenho sido acusada de planejar. Eles pregaram imagens minhas em postos dos correios, aeroportos, hotéis, carros de polícia, metrô, bancos, na televisão e em jornais. Eles ofereceram 50 mil dólares em recom-

* Carta escrita por Assata Shakur enquanto estava presa no Middlesex County Workhouse e transmitida por rádio em 4 de julho de 1973. Tradução para o português a partir da versão datilografada em inglês com fonte no Freedom Archives e da versão publicada no fanzine *To Free Assata Shakur and all African Prisoners of War is to Break the Chains of U.S. Imperialism*, editado pela May 19th Communist Organization (M19CO), em março de 1979.

pensas pela minha captura e emitiram ordens para mirar e atirar para matar.

Eu sou uma revolucionária negra e, por definição, isso me faz ser parte do Exército de Libertação Negra. Os porcos têm usado seus jornais e TVs para retratar o Exército de Libertação Negra como uma organização de criminosos cruéis, brutais e cachorros loucos. Chamaram-nos de gangsters e prostitutas armadas, e têm nos comparado a personagens como John Dillinger e Ma Barker*. Poderia ser claro, deveria ser claro a qualquer um que possa pensar, ver ou ouvir, que nós somos as vítimas. As vítimas e não os criminosos.

Também deveria ser claro para nós quem são os verdadeiros criminosos nesse momento. Nixon e seus parceiros criminosos assassinaram centenas de irmãos e irmãs do Terceiro Mundo no Vietnã, Camboja, Moçambique, Angola e África do Sul. Como foi provado pelo Watergate, os altos funcionários responsáveis pela aplicação da lei neste país são um bando de criminosos e mentirosos. O presidente, os generais, o chefe do FBI, o chefe da CIA e o chefe da Casa Branca estavam implicados nos crimes de Watergate.

Eles nos chamam de assassinos, mas nós não assassinamos cerca de 250 homens, mulheres e crianças negras desarmadas, ou ferimos outros milhares nos protestos que fizemos nos anos 1960. As regras para esse país sempre consideraram as propriedades deles mais importantes que nossas vidas. Eles nos chamam de assassinos, mas não somos responsáveis pelas mais de 6 mil pessoas negras linchadas por brancos racistas. Eles nos chamam de assassinos, mas nós não somos responsáveis pelos 28 irmãos detidos e os 9 reféns assassinados em Attica. Eles nos chamam de assassinos, mas nós não assassinamos e ferimos mais de 30 estudantes negros desarmados no massacre de Orange-

* John Dillinger (1903-19034) e Kate "Ma" Barker (1873-1935) foram dois criminosos brancos considerados "inimigos públicos" pelo governo norte-americano no contexto da Grande Depressão, com casos amplamente explorados pela mídia sensacionalista se tornaram figuras lendárias no país, juntamente com o casal Bonnie e Clyde.

burg. Também não abatemos e assassinamos estudantes negros desarmados na Escola Jackson no estado sulista.

Eles nos chamam de assassinos, mas nós não assassinamos Martin Luther King Jr., Emmett Till, Medgar Evers, Malcolm X, George Jackson, Nat Turner, James Chaney e incontáveis outros. Nós não matamos, com tiros pelas costas, Rita Lloyd de 16 anos, Rickie Bodden de 11 anos ou Clifford Glover de 10 anos.

Eles nos chamam de assassinos, mas nós não controlamos ou forçamos um sistema de racismo e opressão que mata, sistematicamente, negros e pessoas do Terceiro Mundo. Apesar de pessoas negras supostamente compreenderem cerca de 15% da população total americana, pelo menos 60% das vítimas de homicídio são negras. Para cada porco que é morto no chamado cumprimento do dever, há pelo menos 15 negros assassinados pela polícia.

A expectativa de vida negra é muito menor do que a branca e eles fazem o seu melhor para nos matar antes mesmo de nós termos nascido. Nós somos queimados vivos em armadilhas de fogo. Nossos irmãos e irmãs morrem de overdose de heroína e metadona diariamente. Nossos bebês morrem de envenenamento por chumbo. Milhões de pessoas negras morreram como resultado de uma assistência médica indigna. Isso é assassinato. Mas eles têm a ousadia de nos chamar de assassinos.

Eles nos chamam de sequestradores, mas o irmão Clark Squire (que é acusado, junto comigo, de matar um policial estadual de Nova Jersey), foi sequestrado em 2 de abril de 1969. Eles exigiram da comunidade negra um resgate de 1 milhão de dólares no caso da conspiração *Panther 21* em Nova York. Clark foi absolvido em 13 de maio de 1971, juntamente com todos os outros, de 156 acusações de conspiração, por um júri que levou menos de 2 horas para deliberar. O irmão Squire era inocente. Mesmo assim ele foi sequestrado de sua comunidade e família. Mais de 2 anos de sua vida foram roubados, mas eles nos chamam de sequestradores. Nós não sequestramos os milhares de irmãos e irmãs feitos cativos nos campos de concentração americanos,

90% da população prisional neste país são de negros e pessoas do Terceiro Mundo que não podem pagar fiança ou advogados.

Eles nos chamam de ladrões e bandidos. Eles dizem que nós roubamos. Mas não fomos nós que roubamos milhões de pessoas negras do continente africano. Nós fomos roubados da nossa língua, dos nossos deuses, da nossa cultura, da nossa dignidade humana, do nosso trabalho e das nossas vidas. Eles nos chamam de ladrões, ainda que não sejamos nós que desviamos bilhões de dólares todo ano em evasões fiscais, fixação ilegal de preços, peculato, fraude contra o consumidor, subornos, propinas e corrupção. Eles nos chamam de bandidos, ainda que toda vez que a maioria das pessoas negras que recebem seus salários estejam sendo roubadas. Toda vez que entramos numa loja na nossa vizinhança, nós estamos sendo extorquidos. Toda vez que nós pagamos nosso aluguel o locatário coloca uma arma em nossas costas. Eles nos chamam de ladrões, mas nós não roubamos e assassinamos milhões de indígenas arrancados sua terra natal e, em seguida, chamando a si próprios de “pioneiros”.

Eles nos chamam de bandidos, mas não somos nós que estamos roubando a África, Ásia e América Latina de seus recursos naturais e liberdade enquanto os povos que lá vivem estão doentes e famintos. Esse país e seus lacaios cometeram alguns dos crimes mais brutais e violentos da história. Eles são os bandidos. Eles são os assassinos. E eles devem ser tratados como tais. Esses maníacos não estão aptos para julgar a mim, ou a Clark, ou a nenhuma outra pessoa negra em um julgamento na américa. O Povo Negro pode, e inevitavelmente, deve determinar o próprio destino.

Toda revolução na história foi realizada por ações, apesar das palavras serem necessárias. Nós temos que criar escudos que nos protegem e lanças que penetram nossos inimigos. O Povo Negro deve aprender como lutar através da luta. Nós temos que aprender com nossos erros.

Eu quero me desculpar com vocês meus irmãos e irmãs negros, por estar no pedágio de Nova Jersey. Eu deveria ter

entendido melhor. O pedágio é um posto de controle no qual pessoas negras são paradas, revistas, perseguidas e agredidas. Revolucionários nunca devem ficar com muita pressa ou tomar decisões descuidadas. Aquele que corre quando o sol está dormindo vai tropeçar muitas vezes.

Cada vez que um lutador negro pela libertação é assassinado ou capturado, os porcos tentam criar a impressão de que eles anularam o movimento, destruíram nossas forças e pararam a Revolução Negra. Os porcos também tentam nos dar a impressão que 5 ou 10 guerrilheiros são responsáveis por toda ação revolucionária feita na América. Isso é absurdo. Revolucionários negros não caem do céu. Nós somos criados por nossas condições. Moldados na nossa opressão. Nós estamos sendo fabricados em massa nas ruas dos guetos, em lugares como Attica, San Quentin, Colinas de Bedford, Leavenworth e Sing Sing. Eles estão formando milhares de nós. Muitos veteranos negros desempregados e mães pobres estão engrossando nossas fileiras. Irmãos e irmãs de todas as esferas da vida, que estão cansados de sofrer passivamente, compõem o Exército de Libertação Negra.

Há, e sempre haverá, um Exército de Libertação Negra, até que todo homem, mulher e criança negra sejam livres. A principal função do Exército de Libertação Negra neste momento é criar bons exemplos, para lutar pela libertação negra, e para se preparar para o futuro. Devemos nos defender e não deixar ninguém nos desrespeitar. Temos que conquistar a nossa liberdade por qualquer meio necessário.

É nosso dever lutar por nossa liberdade. É nosso dever vencer. Devemos amar uns aos outros e nos apoiar. Não temos nada a perder senão as nossas correntes.

No espírito de Ronald Carter, William Christmas, Mark Clark, Mark Essex, Frank "Heavy" Fields, Woodie Changa Olugbala Green, Fred Hampton, Lil' Bobby Hutton, George Jackson, Jonathan Jackson, James McClain, Harold Russell, Zayd Malik Shakur e Anthony Kumu Olugbala White. Devemos continuar lutando.



MENSAGEM AO MOVIMENTO NEGRO

*Black Liberation Army**

INTRODUÇÃO

O que se segue é uma análise política e declaração de posições gerais. Escrevemos estas posições políticas com o intuito de fomentar a perspectiva da Frente Armada, porque sentimos que tal perspectiva é necessária no processo revolucionário total para a libertação do Povo Negro. Trazemos uma posição geral em nossa declaração pública porque somos essencialmente uma frente militar e política, por isso, não faria sentido falar em quaisquer outros termos. Deve se fazer claro que as ações da frente armada vão dirigir-se às especificidades da opressão nacional ao nosso povo. Não queremos que o inimigo tenha uma visão tática no exercício das suas campanhas repressivas, entretanto, desejamos que o movimento de Libertação Negra compreenda o papel correto que a luta armada desempenha na luta dos povos oprimidos e como este papel se apresenta para nós aqui na América do Norte.

A ferramenta de análise aqui aplicada é para nós um melhor desenvolvimento do método materialista histórico, ou seja, o método dialético. Nós não vamos perder o nosso tempo debatendo os valores do marxismo com aqueles que estão emocionalmente ligados aos valores das pessoas bran-

* Primeira parte do documento publicado originalmente em fins de 1975, com o título “Message to the Black Movement – A political Statement from the Black Underground” e assinado pelo Comitê de Coordenação do Black Liberation Army (CC-BLA), do qual Assata Shakur foi uma proeminente integrante. O documento completo em português foi publicado no livro “Coletânea Nacionalismo Negro – Vol. 1”, editado pela Èkó Egbé (2022).

cas e chegam ao ponto da cegueira ideológica. Entendemos o processo da revolução, e fundamental para esse entendimento é este fato: o marxismo é desenvolvido em um nível mais elevado quando é cientificamente adaptado às condições nacionais únicas de um povo, tornando-se completamente uma nova ideologia. Assim foi o caso da China, de Guiné-Bissau, do Vietnã, da Coreia Popular, da República Popular do Congo e muitas outras nações socialistas. Para o Povo Negro aqui na América do Norte a nossa luta não é única, mas é a forma mais sofisticada e avançada de opressão a uma minoria nacional e racial em todo o mundo. Nós somos os verdadeiros escravos do século XX, então utilizar o método dialético, a concepção de luta de classes e libertação nacional, nos permitirá como resultado um desenvolvimento mais amplo do que defendemos aqui. A dialética não é válida apenas para o marxismo, mas para o nacionalismo revolucionário, assim como, também é válida para os conceitos revolucionários do pan-africanismo, essa é verdadeiramente a base teórica para o desenvolvimento de uma cultura negra revolucionária. Todas essas tendências ideológicas vão encontrar sua mais alta expressão, como resposta resultante da forma com a qual o sistema é concebido para garantir a opressão sem igual ao Povo Negro.

No entanto, devemos estar sempre conscientes de que o mesmo processo objetivo é verdadeiro para o refinamento reacionário, como resposta ao avanço da nossa luta. Esta é a unidade dos opostos em luta. Para derrotar o inimigo e tornar seus aliados reacionários impotentes, devemos ter uma perspectiva verdadeiramente revolucionária, pautada pelos conceitos revolucionários da luta de classes. Um movimento sem tal perspectiva não conseguirá derrotar nosso opressor comum. Não temos medo de pessoas brancas controlando o nosso movimento, pois, a nossa formação, as nossas armas e as nossas ideias são construídas com as nossas próprias mãos, nossos esforços e sangue. Com isto em mente, nos dirigimos para movimento de luta pela libertação negra, seus elementos militantes e suas organizações.

Nosso clamor é por unidade, por uma Frente Nacional de Libertação do Povo Negro. Nós precisamos construir para vencer! Nyurba.

UMA ANÁLISE

Vamos começar com o fato básico de que o capitalismo e o imperialismo, como sistema econômico, estão em uma crise profunda, internamente e no exterior. A base desta crise está, é claro, quanto às relações de exploração que o Capital deve manter para funcionar. São essas relações econômicas, sociais e políticas que sinalizam a eventual condenação dos nossos opressores e este sistema de opressão sob o qual todos nós vivemos.

Esta crise do capitalismo é de natureza prolongada. Com isto queremos dizer que a crise é parte de um longo processo de deterioração que está espalhado por um período considerável de tempo. A riqueza material aparente que vemos ao nosso redor em nada contradiz o fato da decadência, da deterioração ou o fato da existência da crise. Na verdade, o excesso de produção e distribuição desigual levam constantemente a um mercado inchado, cortes nos empregos e a todos os males inerentes de uma economia baseada na propriedade privada dos bens socialmente produzidos. Inflação, preços em alta e salários baixos são todos sintomas de uma economia que se baseia principalmente na exploração de classe no país e na dominação nacional dos recursos do Terceiro Mundo.

Os levantes dos povos oprimidos no exterior contribuíram para a crise de todo o mundo ocidental e ameaçam cortar drasticamente os seus recursos essenciais. Temos consciência de que o principal poder econômico e militar do mundo ocidental e os seus círculos dominantes nunca permitirão que o desaparecimento de seu império se dê sem uma luta desesperada. Nós, como o Povo Negro na América do Norte, devemos perceber que buscar a inclusão no sistema

socioeconômico que prevalece é suicídio a longo prazo, isso dado que o sistema vigente não pode resistir a histórica evolução mundial, que se opõe à exploração contínua dos EUA, sua dominação racista e subjugação dos povos. Ser enganado e acreditar que “igualdade de oportunidades”, “justiça” e “igualdade social” é o mesmo que o sistema capitalista é um erro grave, com implicações genocidas para todas as pessoas de cor. A nossa primeira obrigação é para com nós mesmos, isso significa que a nossa primeira obrigação é a de assegurar a nossa total libertação dessas forças que nos mantêm oprimidos. Relacionado com essa auto-obrigação (e não distinta dela) está a nossa obrigação para com todos os povos oprimidos do mundo, na luta para nos libertar devemos abolir um sistema que escraviza outros. Isso, em essência, é o nosso dever histórico, nós podemos ou realizá-lo ou traí-lo – mas nós certamente seremos julgados em conformidade com nossos atos pelos povos do mundo.

O Exército de Libertação Negra, como resultado da compreensão da natureza econômica do sistema sob o qual somos forçados a viver, mantém os seguintes princípios:

1. Somos anticapitalistas, anti-imperialistas, antirracistas e antissexistas.

2. Nós temos a necessidade de lutar pela abolição destes sistemas e para a instituição de relações socialistas em que o Povo Negro tem controle total e absoluto sobre o seu próprio destino como nação.

3. Que a fim de abolir os sistemas de opressão, devemos utilizar a ciência da luta de classes, desenvolvendo esta ciência no que se refere à nossa condição nacional única.

VISÕES DA FRENTE ARMADA

Nosso reconhecimento das contradições econômicas do capital de modo algum ofusca as realidades sociais e políticas que agora confrontam-nos e a nossa luta pela Libertação

Negra. Ao contrário, ele aumenta e aprofunda a nossa perspectiva e clarifica o papel dialético da luta armada em nosso processo de libertação.

Começamos a reconhecer e analisar essas forças em uma sociedade tecnologicamente avançada e moderna, o que diferencia nossa luta das lutas populares do Terceiro Mundo, bem como favorece a identificação dos fatores comuns a todas as lutas populares, como resultado do imperialismo americano e ocidental. Um desses fatores que difere a nossa luta das outras lutas populares, é a profunda influência da tecnologia em nossa consciência, nas relações sociais e em nosso comportamento. As pessoas que vivem nas sociedades tecnologicamente avançadas do Ocidente foram programadas para perceber as suas necessidades na mesma medida que a tecnologia cria demandas artificiais. Porque a classe trabalhadora não controla essa tecnologia, que tem sido constantemente usada para manipular todos os momentos de sua vida. Os governantes e os donos do atual sistema de exploração nos dizem o que comprar, o que comer, a quem odiar e ao que e quem devemos amar.

A tecnologia no contexto do capitalismo é o meio mais efetivo para que as massas sejam programadas fora da necessidade de liberdade real. Todo um sistema de valores sociais evoluiu para dar suporte a dependência do controle tecnológico do Estado corporativo. Nós não sabemos mais o que é liberdade e o que é autodeterminação. Nós percebemos o papel da competição como sendo algo intrínseco às relações humanas, ao invés de perceber que as pessoas são animais sociais, mais sintonizados com a cooperação do que com a competição. Enquanto destruimos o vigente sistema de opressão, temos que criar novos conceitos e valores, conceitos que existam em oposição dialética aos valores que embasam nossa opressão – ainda mais do que isso, é preciso criar uma nova necessidade dentro de nós mesmos para a liberdade, para que assim possamos usar a tecnologia ao nosso favor. Tal como está agora, o Povo Negro não pode sequer conceber a verdadeira liberdade; temos medo de uma

libertação real, porque fomos programados para ter medo pela classe racista e opressora. Ainda mais do que isso, é preciso criar uma nova necessidade dentro de nós mesmos para a liberdade, para que possamos aproveitar a tecnologia em nosso favor. Atualmente, a tecnologia tem sido utilizada para reforçar imensamente o nosso medo dos círculos dominantes. Temos que acabar com essa psicose social.

O BLA empreendeu a luta armada como um meio para que a psicose social do medo, temor e amor por todas as coisas definidas como valorosas pelos brancos sejam expurgadas da mente do nosso povo. Nossa experiência histórica na América do Norte nos mostrou que nós, como povo, sempre sofremos, enquanto os círculos dirigentes racistas nunca sofreram. Vimos ao longo da história, a nossa dor, nosso sangue, fomos vítimas do estupro, da exploração, da pobreza. Nossas famílias foram destroçadas por uma cultura cruel e brutal, nossos jovens assassinados ou socialmente aleijados, nossas mulheres degradadas, nossas vidas sempre à mercê da máquina fria do sonho americano. Temos consciência de que os resultados desta experiência histórica têm causado às pessoas negras o medo do poder da América para a violência racista, e, por outro lado, tem reforçado as atitudes arrogantes e confiantes dos círculos dirigentes racistas. O fato de que a maioria dos brancos que são igualmente oprimidos e explorados não entenderem realmente quem é o seu verdadeiro inimigo, não irá nos impedir de fazer o que deve ser feito para quebrar não só correntes mentais do nosso povo, mas a deles também. Nós, portanto, iremos atuar nos únicos termos em que as classes dominantes entendem: os termos de sangue, seu sangue. A América deve compreender que as pessoas negras não serão as eternas sofredoras, prisioneiras universais e as únicas que podem sentir dor. A violência revolucionária é, portanto, não apenas uma tática de luta, mas sim uma estratégia. A estratégia desenhada para impulsionar o sistema capitalista ainda mais à crise, e, ao mesmo tempo, forçar todos os responsáveis pela opressão a perceber que eles também podem sangrar, eles tam-

bém podem sentir a nossa dor. Só quando isso for realizado e tivermos a possibilidade de tomar quaisquer decisões justas e igualitárias que será concedido o nosso direito à autodeterminação. Tal como está agora, os poderosos não acreditam que eles podem ser feridos e, portanto, acreditam que qualquer concessão para nossas demandas de libertação é algo ridículo para ser feito. Nosso medo social e psicótico dos círculos dirigentes racistas deve ser purgado também, e só através do desenvolvimento de nossa capacidade de lutar contra o nosso inimigo que conseguiremos que esse medo irracional e reacionário seja erradicado da nossa psique social. A violência revolucionária não é tanto um processo de purificação autônoma, mas um ingrediente necessário para a criação de um quadro psicológico entre as classes dominantes que a nossa libertação deve ser garantida.

Devemos esclarecer o que se entende como violência revolucionária em relação à nossa condição atual, porque muitos em nosso povo acreditam na “lei”, ou, pelo menos, no código de lei do nosso opressor existente. A maioria das pessoas não vê a verdadeira relação entre o desenvolvimento do direito ocidental e o desenvolvimento do capitalismo ocidental; portanto, essas pessoas não podem lidar com a realidade de que a injustiça é parte integrante do sistema vigente. As pessoas não compreendem a função de classe exercida pelos tribunais, pela polícia e por várias instituições relacionadas, com o objetivo de manter a ilusão da democracia norte-americana.

Em uma sociedade como a que existe hoje a lei nunca é imparcial, nunca se divorciou das relações econômicas às quais estão vinculadas. A história mostra claramente que, no curso do desenvolvimento da sociedade ocidental moderna, o código legal sempre se mostrou como o código da classe dominante, feito em leis para reger a todos. Ele é implementado através da criação de órgãos armados “especiais”, que são obrigados a cumprir as leis das classes dominantes. Neste período histórico de desenvolvimento social humano, a função objetiva das “leis” é garantir as condições

para a manutenção das classes mais poderosas, sejam econômicas ou políticas. Mas, o que acontece com a lei em uma democracia, especialmente uma que afirma que todos os seus cidadãos possam eleger os seus representantes, que por sua vez podem criar novas leis? Antes de qualquer coisa, devemos salientar que tal democracia não existe na América do Norte. A democracia burguesa, a qual temos, é apenas um meio de controle político designado a subjugar seu povo, de forma a garantir que todas suas razões sejam pautadas a partir da necessidade de manter as relações de exploração capitalista. Assim, a influência da riqueza corporativa sobre a política na democracia burguesa é apenas uma extensão da tradicional influência da propriedade privada e o controle do, assim chamado, processo democrático. A cooptação constante das massas trabalhadoras pelas classes dominantes, juntamente com o seu controle completo da tecnologia, concomitantemente com o seu controle absoluto da informação torna o chamado processo democrático nulo e sem efeito. Em outras palavras, um mero reflexo da organização social das classes dominantes e o reflexo de um determinado arranjo econômico e tecnológico pautado no sistema de valores da burguesia. A organização política das classes ou grupos econômicos mais poderosos nesse arranjo social é o controle de toda a sociedade e seu sistema político por essas classes. Em suma, o processo democrático sob o capitalismo é apenas um meio pelo qual o capital controla as massas. É um meio de manipulação das massas, projetado para manter as classes exploradas politicamente impotentes, ao mesmo tempo que promove a ilusão de que o poder real pode ser adquirido através de um processo eleitoral. O Povo Negro sabe bem, em uma nação baseada no falso princípio da regra da maioria, somos uma minoria marginal e, portanto, o nosso direito à autodeterminação não pode ser ganho na arena de nosso opressor.

A rejeição ao reformismo, no entanto, é muito mais profunda do que as razões citadas. Porque, se o reformismo é uma rejeição de qualquer transformação estrutural, é tam-

bém uma rejeição da violência revolucionária, e, portanto, o reformismo é uma ignorância funcional da dinâmica da libertação do Povo Negro. Isso ocorre porque a base do reformismo se dá na colaboração de classe com o nosso inimigo, sem nenhuma consideração de princípios. Os ideais de colaboração de classe não visam uma oposição à opressão do nosso povo, mas uma forma consistente de reformar o sistema opressivo. A reforma do sistema opressivo jamais pode beneficiar suas vítimas, em última análise, o sistema de opressão foi criado para garantir o controle pelas classes racistas e santificar seu capital. Para buscar as reformas devemos, portanto, inevitavelmente reconhecer as leis de nosso opressor como sendo leis válidas.

Aqueles dentro do movimento que condenam a violência revolucionária de grupos negros revolucionários nacionalistas, anticapitalistas e anti-imperialistas, estão, em essência, enfraquecendo-se. Esses tolos não entendem a necessidade interativa da violência revolucionária com outras formas de luta e como eles não entendem a dinâmica real envolvida, inibem seriamente o desenvolvimento do movimento de libertação como um todo. Estes reformistas em trajes liberacionistas devem entender que a menos que o movimento cultive a sua capacidade de lutar contra o inimigo em todas as frentes, nenhuma frente vai garantir qualquer vitória real. É uma ignorância abissal imaginar nossa opressão em quaisquer outros termos que não seja de uma guerra não declarada.

Como o movimento como um todo será capaz de lutar contra o opressor no futuro, quando todos os outros métodos "legais" estiverem completamente esgotados? Como vamos implementar a luta política sem o maquinário e a capacidade para a violência revolucionária, quando, é claro que o nosso opressor mantém órgãos armados de violência para impor o cumprimento de suas regras? Nós, como um movimento, não seremos capazes de lutar no futuro, se não desenvolvermos a capacidade para a violência revolucionária no presente. Mas a violência revolucionária não é uma alter-

nativa ao movimento e organização de massas, a violência revolucionária é complementar à luta de massas, é outra frente no processo total de libertação. Aqueles que colocam a questão da violência revolucionária em termos “alternativos” são culpados de políticas defeituosas na pior das hipóteses. Os envolvidos no processo revolucionário completo, mas que afirmam não “endossar” a violência revolucionária quando ocorre, estão tentando “legitimar” a sua existência, em detrimento de toda a luta. A única “legitimidade” que essas pessoas podem, eventualmente, estar buscando nesses casos é a legitimidade burguesa. Este tipo de pessoa ajuda a confundir ainda mais as massas, a violência revolucionária não é devidamente clarificada e expandida quanto ao seu papel de minar a dependência psicológica das pessoas negras que ainda creem numa “legalidade” racista e reacionária. Este é o mais vil dos pecados, aquele pelo qual todos vão pagar durante a repressão intensificada.

Por isso, não vemos a “lei” dos nossos inimigos de classe como válida, não nos sentimos restritos às suas leis. Por outro lado, entendemos o valor “tático” de usar a lei e, consequentemente, nós entendemos o valor tático das reformas no processo de libertação. Por exemplo, controle escolar por parte dos líderes comunitários, greve de aluguel organizada por inquilinos, tomada de sindicatos por grupos dissidentes, etc., ou seja, utilizar o sistema para construir garantias e alcançar determinados objetivos que colocam o inimigo em desvantagem temporária. Mas mantemos o valor tático do reformismo apenas quando não existem outras formas de luta revolucionária contra o conjunto da estrutura capitalista. As reformas, em si, são intrinsecamente reacionárias e perpetuam a dependência psicológica para com o inimigo, enquanto favorece a confusão de quais são as verdadeiras contradições de classe entre nós e o inimigo. Considerando esses fatores, afirmamos que as reformas nunca podem ser nada mais do que uma tática, nunca uma estratégia completa, pois não oferecem em si mesmo qualquer mudança revolucionária. Embora possam oferecer recom-

pensas para a burguesia negra, nunca poderá ser o caminho para a autodeterminação de todo o Povo Negro.

Nós também condenamos fortemente aqueles que afirmam ser progressistas, porém depreciam a violência revolucionária de um povo oprimido em sua luta pela libertação. Não podem haver condições para a luta pela liberdade dos oprimidos, exceto as estabelecidas por eles mesmos. Aqueles que afirmam que a violência revolucionária dá ao inimigo a oportunidade de reprimir o movimento, em geral, estão profundamente enganados se pensam que o governo reacionário necessita de tais desculpas para a repressão, ou que o governo não reconhece o verdadeiro perigo em permitir que um movimento desenvolva a plena capacidade para travar a luta armada. O BLA, juntamente com outros camaradas na clandestinidade, empreendeu a tarefa de construir essa capacidade de luta armada.

PORQUE CONSTRUIR UMA FRENTE ARMADA?

Optamos por construir a frente armada, uma frente de guerrilha urbana, não como uma alternativa à organização de massas do Povo Negro, mas porque o movimento de libertação como um todo deve preparar formações armadas em cada etapa de sua luta. A incapacidade de construir essas formações armadas pode ser fatal, tanto para a luta, quanto para o Povo Negro.

Nosso objetivo ou estratégia final neste momento ao criar o aparelho da violência revolucionária é enfraquecer o Estado capitalista inimigo, criando ao mesmo tempo condições subjetivas e objetivas para a formação de uma Frente Nacional de Libertação Negra composta de muitos revolucionários, progressistas e grupos nacionalistas. Neste mesmo processo, criar o núcleo dos órgãos armados clandestinos que tal frente precisaria, a fim de desempenhar as suas funções políticas. Estas são as grandes razões para a nossa

devoção à luta armada. O fato da não existência de tal frente a nível nacional agora, de forma alguma exclui o fato de que no futuro a criação de uma não seja necessária (com as contradições da sociedade capitalista haverá o aumento da repressão, do racismo e da deterioração social). Somos da opinião de que as condições subjetivas ainda não estão maduras para tal unidade, necessária à frente nacional.

Por causa das condições objetivas, ou seja, a atividade inimiga e ao baixo grau relativo de unidade no seio da luta do Povo Negro, decidimos construir o aparelho separado e distinto organizacionalmente de todos os outros grupos de massa. Esta é uma necessidade tática, mas esta necessidade tática, faz-se notar, contradiz a nossa estratégia de articular todos os grupos do movimento de Libertação Negra para formar uma frente unida nacional, com o princípio da ação armada como uma das muitas formas “legítimas” de diretiva política.

Atualmente, as contradições que quaisquer atividades do BLA podem causar não são para ser evitadas. Todo progressista deve acolher a existência e o desenvolvimento das contradições, pois é através do desenvolvimento das contradições que todos nós vamos avançar. Cada irmão, cada irmã que apoia a libertação do Povo Negro, pode e deve apoiar a luta em todas as frentes. E devem esclarecer ao nosso povo o significado dos atos de violência revolucionária cometido contra nossos opressores comuns e os inimigos de classe de todas as cores. Isto significa que a violência revolucionária deve ser apoiada por aqueles no movimento em todos os níveis. Enquanto esse apoio possa ser difícil no início, condições objetivas e o tempo irão remover grande parte da dificuldade, principalmente a miopia ideológica, para começar. Sabemos pela experiência que, devido à natureza de classe da nossa luta e seu aspecto racial, muitas de nossas ações podem muito bem ser tática puramente psicológica de natureza militar, e por causa disso, a clareza do significado político da ação pode parecer bastante nebulosa. No entanto, pretendemos esclarecer todos os atos de

violência revolucionária e aceitar a responsabilidade por estes atos. O fator relevante, porém, é que o movimento progressista, o movimento de libertação, os companheiros em todos os níveis de luta devem entender que não apoiar a frente armada de guerrilha urbana (militarmente e politicamente) é uma falta de apoio frente às massas, é um fracasso no apoio às pressões “legais” da nossa luta para os “direitos civis”, e, em última análise, uma abdicação de responsabilidade. A covardia pode ser entendida, mas não o oportunismo e a abdicação do compromisso com a nossa total libertação.

CLASSE E RACISMO

Nosso reconhecimento da natureza classista da nossa luta nos levou a algumas conclusões objetivas, amplamente apoiadas nas condições reais. Temos já há algum tempo observado como a influência de determinados valores de classe determinam como se age ou se reage na sociedade. Temos observado as diferenças de classe entre a maioria da população branca nos Estados Unidos, bem como a reflexão destas diferenças entre as pessoas negras. Como já tínhamos dito anos antes, a diferença de classe entre as pessoas negras é refletida principalmente em diferenças na consciência, atitudes e comportamentos, mas ao contrário da diferença de classe entre os brancos, a renda ou a posição econômica não é o determinante principal. Isso porque a esmagadora maioria dos negros (com exceção de bem poucos) são essencialmente da mesma classe econômica, e sofrem essencialmente a mesma relação com as forças produtivas do capital.

Apesar deste fato, a diferença de consciência e de atitudes são reais e, portanto, devem ser tratadas como se essas atitudes sejam originadas da distinção de classes econômicas. A realidade do nosso povo nos diz que não só existem

inimigos negros entre o Povo Negro, mas que esses inimigos negros são, antes de mais nada, inimigos de classe na nossa luta pela libertação. São seus valores de classe, ideias e ideais de classe que os fazem o que são, juntamente com o fato de que esses inimigos de pele negra podem se esconder entre nosso povo, espalhando suas diversas filosofias reacionárias de gradualismo liberal, capitalismo negro, “integração”, nacionalismo cultural, reformismo, etc.

As razões pelas quais estes inimigos de classe de pele negra encontram aceitação são muitas. A primeira e mais importante razão é a nossa psicologia social única, ou, a nossa resposta emocional ao racismo. Este reflexo tem nos condicionado a pensar em termos de cor primeiro (tal como brancos foram programados para ver a cor como um fator determinante), e quando tal pensamento torna-se culturalmente comum em nosso meio, estamos vulneráveis a infiltração de inimigos negros em nossa luta como classe. Temos a tendência de culpar a cor e não os valores de classe de nosso opressor quando somos traídos ou explorados por um de nosso próprio povo. Assim, quando uma pessoa negra nos trai ou nos fere nós dizemos: “esse negro não vale nada”, o que também indica um grande ódio próprio e/ou autopiedade; em vez disso, o que devemos dizer é que “negros de certa classe não valem nada”.

Por que devemos ter essa perspectiva de classe e nos manter vigilantes para descartar lacaios das classes opressoras? A primeira razão é que, em uma sociedade de classes, tais como a que sofremos o jugo, cada marca de pensamento, todas as formas de comportamento são carimbadas com a marca de uma determinada classe dominante. Isso tem um profundo significado para nós, pois a classe dominante deste país é a classe branca e a imposição de sua cultura racista. Nós, como negros refletimos em nosso pensamento os valores e as ideias dessa classe dominante, bem como a resposta defensiva ao seu racismo sociocultural presente em seu sistema de governo. Por estas razões somos vulneráveis, podemos facilmente ser enganados, abu-

sados e manipulados. Nós nos tornamos alvos fáceis para os estratégias racistas do nosso inimigo coletivo. O inimigo pode usar a cor da pele para nos confundir e pensar que se atacarmos outro negro estamos necessariamente atacando a nós mesmos; quando pode muito bem ser o contrário, pois estamos atacando o inimigo. É a nossa vantagem de ter uma visão clara dos princípios de classe. É uma desvantagem aos opressores se somos indivíduos com consciência dos princípios de classe, que se opõem à colaboração de classes sem ser pautada em princípios mútuos.

Se olharmos para a maioria das organizações atuantes hoje, suas filosofias, liderança e métodos de luta, vamos ver o reflexo de certos ideais, ideias e valores de classe. A esmagadora maioria destes grupos refletem os objetivos de uma determinada classe de pessoas negras. Sem uma perspectiva classista revolucionária, nós, que estamos lutando para conseguir a libertação total das forças que escravizam a todo o nosso povo, não seremos capazes de distinguir os verdadeiros amigos dos verdadeiros inimigos, aqueles que estão confusos e aqueles que são ferramentas conscientes do opressor, e não vamos ser capazes de cooptar possíveis aliados à causa da libertação do Povo Negro.

Isto nos traz para o papel dialético da cultura, para entendermos que como membros de uma sociedade de classes (ou vítimas) todos somos influenciados pelas perspectivas de classe da sociedade, e para o Povo Negro isto significa que os valores, normas, etc. vigentes são os das classes dominantes racistas, então temos de entender qual a ferramenta pela qual estamos programados para estas perspectivas de classe. E a cultura é a ferramenta. Nós vemos a cultura como o meio pelo qual a classe dominante programa toda a sociedade a seguir seus ideais, valores e normas de classe, perpetuando assim a sua posição dominante. Esta função objetiva da cultura de classe não deve nos levar à conclusão errada de que se adotarmos uma orientação “cultural” em nossa luta de libertação, seria o suficiente. Esta é a visão essencial dos nacionalistas culturais que orientam

tudo em torno da cultura e tal visão é incorreta. Porque ela não lida com o aspecto econômico, classista e de base psicológica da luta entre duas entidades culturais opostas. A cultura reacionária dominante deve ser destruída antes que qualquer cultura revolucionária possa realmente se manifestar. Em outras palavras, é na luta ativa dos dois polos opostos que as sementes de uma cultura revolucionária são plantadas. Não na criação passiva de uma “cultura” alternativa. Tal estilo de vida “alternativo”, só poderia ser possível com a permissão da vontade da cultura capitalista dominante. Neste sentido, o nacionalismo cultural é o nacionalismo burguês, porque não propõe a abolição do sistema capitalista e da cultura capitalista.

Ao lidar com a função objetiva da cultura, então, entendemos seu papel social na manutenção de certas relações de classe. A cultura racista faz isso e muito mais. A cultura racista doutrina não só os membros do grupo racial dominante em ideais de classe, normas e valores, mas também cria psicologicamente as atitudes racistas necessárias para manter essas perspectivas de classe como um todo, uma perspectiva voltada contra os alvos do seu racismo. Assim, os sentimentos de superioridade, o medo dos negros e a hostilidade em relação às demandas do Povo Negro (e todos os povos do Terceiro Mundo em geral) está profundamente enraizado na psique branca junto com as fobias e padrões de classe. Ainda mais do que isso, as vítimas da cultura racista são doutrinadas a terem sentimentos de ódio de si, sentimento de inferioridade e impotência. Muitas vezes, isso cria um estado mental social que vê o sistema vigente como eterno e imutável. Juntamente com os valores de classe da cultura dominante, o Povo Negro é constantemente dividido entre a vontade que o opressor define como desejável e a incapacidade de obtê-lo. Ou, para obtê-lo e, em seguida, perceber que era apenas uma brincadeira, ele ainda é visto (pela cultura racista dominante e por ele mesmo) como o negro de sempre. Tudo isso é incapacitante para o Povo Negro oprimido, amarrando seus cérebros de forma

irrevogável a procura de seus opressores para a própria salvação, muitas vezes levando à busca infrutífera de alcançar tudo o que é definido como “bom”, com base nos padrões do opressor.

A fim de quebrar essas correntes psicológicas da escravidão do século XX, temos de construir uma cultura revolucionária. Uma cultura que não apenas programe nossas mentes para fora da opressão, mas, ao mesmo tempo nos projete contra as classes inimigas e a sua cultura. A contribuição do BLA na formação de uma cultura revolucionária será no esforço para criar uma tradição armada de resistência à nossa opressão, e para criar um quadro sociopsicológico na mente tanto do povo oprimido, quanto do seu opressor. Tal atitude irá direcionar a nossa eventual autodeterminação como um povo.

Nós, portanto, fazemos poucas distinções com base na cor de nossos inimigos. O mesmo tratamento que será dado aos inimigos oriundos da classe dominante branca e seus lacaios, será também dado aos lambe-botas negros ou negros inimigos de classe em nossa luta. A única consideração é que nossas formações armadas e lideranças são oriundas de nosso próprio povo.



DECLARAÇÃO DE ABERTURA

*Assata Shakur**

Juiz Thompson, irmãos e irmãs, homens e mulheres do Júri:

Decidi atuar em causa própria e fazer esta declaração de abertura, não porque tenho ilusões sobre minhas habilidades legais, mas porque existem coisas que preciso dizer para vocês. Passei muitos dias e noites atrás das grades pensando neste julgamento ultrajante. E em minha cabeça apenas alguém que tenha sido tão intimamente vitimada por esta loucura como eu fui, pode buscar a justiça através desse depoimento. Se vocês pensam que estou nervosa, seus sentidos podem os enganar, pois é apenas porque sei que este momento nunca mais poderá ser vivido e que muita coisa depende dele. Tenho que ler esta declaração para vocês pois tenho receio que possa esquecer parte do que tenho a dizer. Por favor, peço que tentem ser pacientes comigo.

Esta não será uma declaração de abertura convencional. Em primeiro lugar, porque não sou advogada, e o que aconteceu comigo e com Ronald Myers não existe como um vácuo jurídico. Há uma longa série de eventos e ações que nos trouxeram até aqui.

Quando estávamos sentados neste tribunal, durante o processo de seleção do júri, ouvi o Juiz Thompson falar sobre o sistema americano de justiça. Ele falou sobre presun-

* Declaração lida por Assata Shakur em 1º de julho de 1976 por ocasião do seu julgamento em uma acusação de participação no assalto de uma agência bancária no Queens, distrito de Nova York, onde atuou em defesa própria e foi absolvida pelo Júri. Tradução para o português a partir da versão em inglês publicada pelo *Assata Shakur Defense Committee* e disponível no Freedom Archives.

ção de inocência, sobre igualdade e justiça. Suas palavras foram como um bonito sonho em um belo mundo. Mas há dois anos e meio eu tenho estado à espera de julgamento. E a justiça, na minha visão, não tem sido o sonho americano: tem sido o pesadelo americano. Houve uma época em que eu quis acreditar que havia justiça neste país. Mas a realidade desmoronou e destruiu todos os meus devaneios. Enquanto aguardava o julgamento, eu tinha conseguido um doutorado sobre justiça, ou melhor, sobre a falta dela.

Sentei-me ao lado de uma mulher grávida que estava fazendo 90 dias detida por levar uma caixa de fraldas e assisti pela TV ao indulto de um presidente roubou milhões de dólares, e que havia sido responsável pela morte de milhares de seres humanos. Por quê? Pela tal “paz com honra”? Nixon foi perdoado sem nunca ter sido formalmente acusado de qualquer crime. Ele foi indultado sem nunca ter sido julgado ou considerado culpado de um crime ou passar uma noite na prisão. Quem mais poderia cometer alguns dos crimes mais horrendos e destrutivos da história e receber 200 mil dólares de dinheiro público por ano? Existe realmente alguma igualdade sob esta baixeza? Ford declarou que perdoou Nixon porque sua família havia sofrido o suficiente. Bem, e quanto às milhares de famílias cujos filhos deram suas vidas no Vietnã? E quanto às famílias que têm filhos e filhas na prisão? E quem não podem sequer pagar a fiança ou advogados para seus filhos? E as milhões de pessoas que foram condenadas desde o nascimento à pobreza, a viverem como animais e a trabalharem como cães? Onde está a justiça para eles?

Que tipo de justiça é esta, onde os pobres vão para a prisão e os ricos ficam livres? Onde as testemunhas são cooptadas, compradas ou subornadas? Onde as evidências são forjadas ou fabricadas? Onde as pessoas são julgadas, não por causa de quaisquer ações criminosas, mas por conta de suas crenças políticas? Onde estava a justiça para os presos de Attica? Onde estava a justiça para Medgar Evers, Fred Hampton e Clifford Glover? Onde está a justiça para os Ro-

senbergs? E onde está a justiça para os nativos americanos que de forma presunçosa vocês chamam de índios?

Não estou sendo julgada aqui porque sou uma criminosa, ou porque cometi um crime. Nunca fui condenada por um crime na minha vida. Ronald Myers não foi a julgamento porque é um criminoso ou porque cometeu um crime. Tinha 20 anos quando se entregou, após ver sua foto no jornal. Ele pensou que a polícia iria ver imediatamente o erro que cometeu. Conheci Ronald Myers pela primeira vez há cerca de 8 meses na sala de conferências dos ultrajes. Foi um encontro duro e estranho, algo que espero nunca mais ter que passar. Eu fiquei chocada ao ver como ele era tão jovem. E não importa qual seja o resultado deste julgamento, sempre sentirei uma amargura sobre o que aconteceu com Ronald Myers e comigo.

POR QUE ESTAMOS EM JULGAMENTO

Não acredito que seja somente uma coincidência estarmos sendo julgados aqui. Este caso é apenas mais um exemplo do que tem acontecido neste país. Ao longo da história da América, pessoas foram presas por causa de suas crenças políticas e acusadas de atos criminosos com o objetivo de justificar essas prisões. Aqueles que ousaram falar contra as injustiças neste país, tanto negros como brancos, pagaram caro por sua coragem, às vezes com suas vidas. Marcus Garvey, Stokely Carmichael, Angela Davis, os Rosenbergs, Lolita Lebrón foram todos acusados de crimes por causa de suas crenças políticas. Martin Luther King Jr. foi preso inúmeras vezes por liderar manifestações não-violentas. Por que, provavelmente vocês se perguntam, este governo pretende colocar a mim e a Ronald Myers na prisão? Em minha mente, a resposta é muito simples. Pela mesma razão que este governo colocou todos que gritaram pela libertação na cadeia: ou obtenho a liberdade ou recebo a morte.

Durante o processo de seleção dos jurados foi perguntado sobre o significado do termo “militante”. Há uma razão para isso. No final dos anos 1960 e início dos anos 1970, este país estava em convulsão. Havia um forte movimento popular contra as guerras, contra o racismo, nas faculdades, nas ruas e nas comunidades negras e porto-riquenhas. Este governo, as agências policiais locais, o FBI e a CIA lançaram uma guerra total contra o povo e quem eles consideravam como militantes. Só agora estamos descobrindo, por causa das investigações sobre o FBI e a CIA, quão extensos e criminosos eram e ainda são seus métodos. Da mesma forma que as bruxas foram queimadas em Salém, este governo iniciou uma “caça às bruxas” contra quem eles consideravam “militantes”. Um número incontável de pessoas foi morta ou presa. Os irmãos Berrigan, os 7 de Chicago, os 21 Panteras de Nova York, Bobby Seale e milhares de manifestantes antiguerra foram vítimas desta “caça às bruxas” pelo poder judiciário. Talvez alguns de vocês estejam dizendo a si mesmos que nenhum governo faria isso. Bem, basta verificar por vocês mesmos a história deste país, olhar ao redor e ver o que está acontecendo hoje. Tudo o que vocês têm que fazer é se perguntar quem controla o governo e quem são as vítimas dele?

O EXÉRCITO DE LIBERTAÇÃO NEGRA

Os membros do júri foram questionados sobre o que leram ou viram na televisão e quais eram suas opiniões sobre o Exército de Libertação Negra. Disseram que o que leram ou ouviram veio da mídia do *establishment*. As principais redes de TV e rádio, o Times, o Post e o Daily News. Eu li os mesmos artigos que vocês leram. Vi os mesmos programas de notícias que vocês viram. Quando se trata da mídia, aprendi a não acreditar em nada do que ouço e em metade do que vejo. Mas posso dizer-lhes, se eu fosse apenas uma cidadã comum, se não soubesse melhor, teria lido esses

artigos e chegou à conclusão de que JoAnne Chesimard, Ronald Myers e todas as outras pessoas chamadas de militantes eram um bando que odeia brancos e policiais, formado por loucos, maníacos e fanáticos empunhando armas e lutando por causas abstratas e equivocadas.

Cerca de 1% da população deste país controla 70% da riqueza. E é esse 1%, os chefes das grandes corporações, que controlam as políticas midiáticas e as notícias. Determinam o que você e eu ouvimos no rádio, lemos nos jornais e vemos na televisão. É mais importante para nós pensarmos onde a mídia obtém essas informações, do departamento de polícia ou do promotor. Nenhum grande jornal ou estação de TV jamais fez a meus advogados ou a mim uma pergunta sobre qualquer coisa. As pessoas são julgadas e condenadas nos jornais e na televisão antes mesmo de saírem de um tribunal. Uma pessoa acusada de roubar um carro se torna parte uma quadrilha internacional. Um homem é acusado de participar de uma briga de bar e as manchetes dizem: “maníaco fica enlouquecido”.

Durante a década de 1970, a mídia criou uma manchete de primeira página que garantia a venda de jornais: o Exército de Libertação Negra. De acordo com eles, o BLA estava em toda parte. Quase tudo o que aconteceu foi atribuído ao Exército de Libertação Negra. As manchetes sensacionalistas vendem muitos jornais. A mídia molda a opinião pública e os resultados disso costumam ser trágicos.

Quando se apresentaram como jurados, vocês foram questionados sobre o que sabiam sobre o Exército de Libertação Negra. A maioria de vocês declarou não ter conhecimento do que era ou do que significa o Exército de Libertação Negra. Entretanto, a maioria de vocês disse que acreditava que o Exército de Libertação Negra era uma organização “militante”. Gostaria de falar sobre isso por um momento. O BLA não é uma organização, ele vai além disso. É um conceito, um movimento popular, uma ideia. Muitas pessoas disseram e fizeram muitas coisas diferentes em nome do Exército de Libertação Negra.

A REPRESSÃO PRODUZ RESISTÊNCIA

A proposta de um Exército de Libertação Negra surgiu das condições impostas às comunidades negras. As condições de pobreza, a moradia indigna, o desemprego em massa, a assistência médica precária e a educação sucateada. A ideia surgiu porque o Povo Negro não é livre ou tem igualdade neste país. Porque 90% dos homens e mulheres nas prisões deste país são negros e do Terceiro Mundo. Porque crianças de 10 anos são mortas a tiros em nossas ruas. Porque a droga saturou nossas comunidades, se alimentando da desilusão e da frustração de nossos filhos. O conceito do BLA surgiu por causa da opressão política, social e econômica do Povo Negro neste país. E onde houver opressão haverá resistência. O BLA faz parte desse movimento de resistência. O Exército de Libertação Negra representa a luta pela libertação e justiça para todos os povos.

Enquanto as grandes corporações obtêm enormes lucros sem pagar impostos, os impostos para os trabalhadores comuns disparam. Enquanto os políticos viajam de graça pelo mundo e esses mesmos políticos aumentam seus próprios salários, milhões de pessoas estão desempregadas. Esta cidade está à beira da falência e, ainda assim, centenas de milhares de dólares estão sendo gastos neste julgamento. Não entendo um governo tão disposto a gastar milhões de dólares em armas, para explorar o espaço sideral, até mesmo Júpiter, e ao mesmo tempo fechar creches e postos de bombeiros.

Eu li a Declaração de Independência e tenho grande admiração por ela: “Consideramos estas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais, dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a vida, a liberdade e a procura da felicidade. Que a fim de assegurar esses direitos, governos são instituídos entre os homens, derivando seus justos poderes do consentimento dos governados; que, sempre que qual-

quer forma de governo se torne destrutiva de tais fins, cabe ao povo o direito de alterá-la ou aboli-la e instituir novo governo, baseando-o em tais princípios e organizando-lhe os poderes pela forma que lhe pareça mais conveniente para realizar-lhe a segurança e a felicidade.”

Estas palavras são especialmente significativas no ano do bicentenário deste país. Gostaria de ajudar a tornar este mundo melhor para minha filha e para todas as crianças, para todos os homens e mulheres deste mundo

Mas vocês sabem que o BLA não está sendo julgado aqui. Eu estou sendo julgada aqui. Ronald Myers está sendo julgado aqui. E a acusação é de sequestro e assalto à mão armada, onde a suposta vítima é um traficante de drogas, um vendedor de heroína, um homem chamado James Freeman.

AS VÍTIMAS DA HEROÍNA

Vivemos em Nova York e é impossível não ver o horror, a degradação e a dor associadas ao vício em heroína. A maioria de vocês já viu o número assombroso de vidas jovens sendo sugadas para o esquecimento, precariedade e morte pelo uso de drogas. Muitos de vocês já viram mães indefesas vendo seus filhos se transformarem em esqueletos que não podem mais confiar. Também viram os sonhos, o potencial de toda uma geração de jovens se esvaír, para o poço sem fundo de uma agulha. E essas vítimas também têm suas vítimas, o incontável número de pessoas que foram assaltadas, furtadas ou roubadas por vampiros produzidos pelas drogas, que não se importam com nada além de conseguir seu veneno.

Mostraremos para vocês que James Freeman é um mentiroso. Nós vamos mostrar que as outras testemunhas de acusação são todos amigos, parentes, amantes ou funcionários de James Freeman, e que também são mentirosos. Vocês mesmos verão que eles conspiraram e que foram treinados.

Homens e mulheres do Júri, vidas humanas são assuntos sérios. Já lhes disse que não tenho crença neste sistema de justiça e acreditem em mim, não tenho. Tenho visto muita coisa. Se existisse justiça, eu não estaria aqui falando com vocês agora. Vocês foram escolhidos para serem os representantes da justiça. Vocês e só vocês. Disseram que não têm preconceitos ou ideias pré-concebidas. Disseram que poderiam julgar este caso com base nas evidências. O que estou dizendo agora é que não é uma evidência. O que o promotor diz que é não é uma prova. Vocês podem ou não concordar com minhas convicções políticas. Elas não estão em julgamento aqui. Eu apenas as trouxe à tona para ajudá-los a entender o contexto político e emocional em que este caso se apresenta para vocês.

Embora o tribunal nos considere como iguais, muitos de vocês tiveram experiências de vida e formações diferentes. É importante para mim que vocês entendam algumas dessas diferenças. Peço apenas que ouçam com atenção. Peço apenas que ouçam não só o que estas testemunhas dizem, mas como elas dizem.

Nossas vidas não são mais ou menos preciosas que as suas. Pedimos apenas que vocês estejam tão abertos e sejam tão justos quanto gostariam que fôssemos, se estivéssemos sentados nas cadeiras do Júri para determinar suas respectivas culpas ou inocências, nossas vidas e as vidas que nos cercam dependem dos seus sentidos de justiça.

Obrigada.

PRISIONEIRA NOS ESTADOS UNIDOS

*Este é o testemunho de Assata Shakur, originalmente JoAnne Chesimard, que foi presa na noite de 2 de maio de 1973, junto com Sundiata Acoli e Zayd Malik Shakur (que foi morto pela polícia de Nova Jersey). Assata Shakur, que se encontra no exílio em Cuba, foi integrante do Partido Pantera Negra (BPP) e do Exército de Libertação Negra (BLA). Aqui ela dá seu depoimento sobre seu tratamento após ser capturada pelos policiais de Nova Jersey.**

Assata Shakur: Na noite do dia 2 de maio fui baleada pela Polícia Estadual de Nova Jersey. Fui mantida no chão, chutada, puxada, arrastada pelos cabelos. Finalmente, fui colocada em uma ambulância, mas a polícia não a deixava partir. Ficavam perguntando para a equipe da ambulância: “Ela já morreu? Ela já morreu?”. Finalmente, quando ficou claro que eu não iria morrer durante os próximos 5 ou 10 minutos, eles me levaram para o hospital. Os policiais vinham pra cima de mim, me espancando, esganando, fazendo tudo que podiam assim que os médicos e enfermeiros iam para o lado de fora. Eu estava metade morta – autoridades do hospital trouxeram um padre para realizar a última cerimônia – mas a polícia não parava de me torturar. Isso continuou até a manhã seguinte, quando fui levada para a UTI. Eles tiveram que parar um pouco enquanto eu estava lá. Depois me levaram para outro quarto, que era a suíte Johnson, e fecharam a saída do corredor. Assim, eles podiam controlar totalmente o tráfego de entrada e saída. Por três ou quatro dias, a temporada de caça a mim estava aberta. Eles aumentaram a potência do ar-condicionado para que eu morresse de frio.

* Entrevista publicada originalmente em inglês no livro *Still Black, Still Strong: Survivors of the War against Black Revolutionaries* (Semiotext(e), 1993), reunindo escritos e entrevistas de Dhoruba Bin Wahad, Mumia Abu-Jamal e Assata Shakur.

Meus pulmões estavam ameaçando entrar em colapso. Eles estavam fazendo de tudo para que eu pegasse pneumonia.

Pergunta: A equipe do hospital participou ou consentiu esse tratamento enquanto você estava sob cuidados dela?

Assata Shakur: Alguns deles sim. Na primeira noite que passei lá, havia um médico que era tão mau quanto os policiais. Ele disse: “Por que você atirou no policial?”. Ele não sabia se foi eu quem tinha feito ou não, mas ele vinha pra cima de mim. Algumas das enfermeiras me davam bastante apoio; elas percebiam a maldade da polícia. Uma delas me deu um “botão de chamada” para que eu apertasse sempre que um policial fosse até a minha cama. Assim, eu podia evitar ser mais espancada. Eles algemaram minhas pernas na cama, mesmo eu estando quase morta e com minha perna inchada. Algumas das enfermeiras questionaram o jeito como eles algemaram meu pé. Estava sangrando e as algemas estavam grudando na minha carne.

Pergunta: Você acha que se não fosse pela equipe médica, as autoridades policiais a teriam assassinado no hospital com a cumplicidade e consentimento de alguns médicos?

Assata Shakur: Isso era certamente uma possibilidade.

Pergunta: Esses membros da equipe médica que demonstraram compaixão por você, eles eram negros, brancos ou ambos?

Assata Shakur: Negros e brancos. A que me deu o “botão de chamada” era uma enfermeira alemã; ela tinha um sotaque da Alemanha. Algumas das enfermeiras negras me deram um pacote de livros que definitivamente salvaram a minha vida, porque foi um dos tempos mais difíceis. Um dos livros era de poesia negra, outro era *Sidarta* de Hermann Hesse e outro sobre a mulher negra na América branca. Foi

a melhor seleção de livros que podiam ter escolhido. Elas me deram a poesia do nosso povo, a relação entre seres humanos e a natureza e a busca do ser humano pela liberdade, por justiça, por um mundo que não seja brutal. E aqueles livros – apesar daquela experiência – meio que me relaxaram, me botaram em contato com a minha tradição, com a beleza do meu povo, mesmo tendo sofrido tamanha opressão. Aquelas pessoas naquele hospital não sabiam quem eu era, mas elas entenderam o que estava acontecendo comigo; e isso faz você pensar que não importa quão brutal a polícia seja, os tribunais sejam, as pessoas lutam para manter sua humanidade e podem enxergar além disso.

Pergunta: Quanto tempo você ficou no hospital e quanto tempo durou seu estado de deterioração médica após a sua captura?

Assata Shakur: Eu fiquei cerca de duas semanas no Middlesex County Hospital. Depois passei mais duas semanas no Roosevelt Hospital para pacientes crônicos. Eu tinha duas feridas de bala – eu ainda tenho uma das balas no meu peito. Um dos meus braços estava paralisado. Eu tinha dificuldade em respirar. E depois que eu tive alta do segundo hospital, demorei cerca de dois anos para retomar a mobilidade total da minha mão. Não me autorizaram fazer fisioterapia ou tratamento médico no hospital. Tivemos que buscar ordens judiciais para coisas simples como uma bola de borracha para que eu pudesse apertar e treinar para usar minha mão novamente. E os únicos tipos de exercícios que eu consegui fazer foram através de instruções das enfermeiras. Eu perguntava o que podia fazer? Eu estava ciente de que o sistema carcerário faria qualquer coisa possível para frustrar minha recuperação. As enfermeiras me davam uma toalha e apesar de não conseguir pendurá-la, elas diziam: “Apenas tente”. Então eu botava as minhas mãos em cima da toalha – e a polícia vinha e tirava-a de mim, apesar de estar algemada na cama. Eu não sei o que eles achavam

que eu iria fazer com a toalha, mas a toalha não era o ponto. O ponto era fazer o possível para que eu sofresse.

Pergunta: Então não foi lhe dada nenhuma terapia de recuperação ou reabilitação para as feridas que você sofreu no dia 2 de maio de 1973?

Assata Shakur: Foi me dada alguma, mas o Estado, a polícia, o escritório da promotoria e o FBI fizeram o possível para frustrar minha recuperação, certamente.

Pergunta: Então você teve que conseguir tratamento médico através de processos judiciais?

Assata Shakur: Meus advogados foram ao tribunal e disseram que eu estava com um braço paralisado, mas nunca recebi tratamento. Nós conseguimos que uma equipe fosse me examinar em uma ocasião e foi isso. O médico da prisão apenas pegou o meu braço e disse: "Ah, está perfeito, você não tem nenhum problema". E a solução dele para quase tudo eram laxantes.

Pergunta: Depois que a hospitalização acabou, você foi levada para um centro de detenção ou para a prisão?

Assata Shakur: Sim, fui levada para o centro Middlesex County. Fui posta na solitária. Uma cela que tinha uma porta ou grades e fora havia outra grande porta de metal. Eu fiquei lá de junho até outubro ou novembro, quando fui transferida para Middlesex County Jail em New Brunswick e posta num porão, na solitária novamente. Era uma prisão para homens e eu era a única mulher lá. Eu fui mantida lá até me levarem para Nova York para o julgamento em dezembro de 1973.

Pergunta: Você ficava confinada na sua cela aproximadamente quantas horas por dia?

Assata Shakur: Vinte e quatro horas por dia.

Pergunta: Você tinha direito a receber visitas?

Assata Shakur: A regra era que você tinha direito à visita de familiares próximos e advogados, mas a polícia ficava se intrometendo nas nossas conversas. Eles ignoravam o fato de que deveria existir privilégios entre cliente e advogados ou que era uma visita de família. Eles apenas ficavam por lá e não tinha nada que pudéssemos fazer. Crianças não eram nem permitidas a entrar naquela prisão e era muito triste. Dava pra ouvir as crianças durante o tempo de visita gritando os nomes de seus parentes e elas ficavam fora da prisão. Dava para ouvir pequenas vozes, era muito doloroso.

Pergunta: Você tinha conhecimento naquela época que havia uma lei nos EUA que diz que advogados e clientes têm direito à confidencialidade?

Assata Shakur: Sim. Minha advogada (e tia) Evelyn questionava constantemente as condições de visita, mas ela estava falando com as paredes. Ela foi ao tribunal não sei quantas vezes para conseguir que respeitassem a visita entre advogado e cliente, com as portas fechadas, mas eles ficavam na sala de qualquer jeito e, mesmo assim, as salas estavam grampeadas.

Pergunta: O que você quer dizer com o termo grampeada?

Assata Shakur: Quero dizer que eles instalaram dispositivos eletrônicos onde nós nos encontrávamos. Os guardas vinham e diziam: “Nós sabemos o que vocês estão falando”. Era o jeito deles de dizerem: “Nós temos isso gravado de qualquer jeito. E daí?”

Pergunta: Na sua opinião, a combinação de tratamento médico inadequado e a falta de confiabilidade com seus advogados impediram sua defesa adequada contra os diversos crimes que o Estado lhe acusou posteriormente?

Assata Shakur: Absolutamente. Meus advogados tinham que lutar por coisas tão elementares que eles nem conseguiam lidar com o meu caso. O Estado resistiu a tudo. Quase toda a energia que deveria ser gasta preparando para o julgamento, eles tiveram que gastar preenchendo processos para que eu tivesse uma bola, tratamento médico ou até comida, que era a pior de todas as prisões por quais passei. As mulheres protestaram contra a comida, não era apenas pra mim que eles levavam aquela comida, mas eles disseram que eu era a causa do protesto, apesar de estar na solitária e só conseguiria falar com outras mulheres se eu escalasse a grade e falasse por pequenos buracos. Toda nossa tentativa de preparação para o julgamento foi frustrada cotidianamente.

Pergunta: Você sofreu algum procedimento disciplinar como consequência do protesto?

Assata Shakur: Eu já estava na solitária, então a única coisa que eles podiam fazer era me atormentar, tornar minha vida mais difícil.

Pergunta: As outras mulheres sofreram procedimento disciplinar como consequência de tentar comunicação com você?

Assata Shakur: Havia ameaças em termos dos seus casos judiciais; era dito pra elas que eu era terrorista. Eu era acusada de matar um policial de Nova Jersey e a polícia alegava que tinha que me manter na solitária para minha própria proteção. Mas as mulheres não acreditaram nisso. Elas fizeram todo o possível para fazer eu me sentir humana.

Pergunta: Você pode nos dizer exatamente o que aconteceu assim que você foi ao seu primeiro julgamento no tribunal? Quais eram as acusações que fizeram contra você e exatamente como o Estado se comportou durante seu processo neste caso particular?

Assata Shakur: O primeiro julgamento que participei foi o que ocorreu em Nova Jersey. Eles incluíram diversas outras acusações como roubo à mão armada – supostamente eu teria roubado as armas dos policiais – e agressão, além de uma série de outras acusações. Mas as principais eram homicídio de um policial de Nova Jersey e ferimento de outro. Nós estávamos em julgamento, estávamos no processo de seleção dos jurados.

Pergunta: Quando você diz “nós”, você pode dizer quem?

Assata Shakur: Sundiata Acoli e eu estávamos sendo julgados juntos. Nós tínhamos as mesmas acusações, então decidimos ir a júri juntos. Eles não se opuseram a isso.

Pergunta: Você já tinha se recuperado das feridas naquele momento?

Assata Shakur: Eu ainda estava usando um suporte para a clavícula que havia quebrado, mas o principal problema era meu braço direito. Estava praticamente paralisado. E eu estava destruída. Aconteceu uma sequência de coisas, eu estava super magra... enfim, começamos o processo de seleção do júri. E no meio do processo o julgamento foi interrompido. Foi adiado até janeiro de 1974.

Pergunta: Por quê?

Assata Shakur: Porque foi descoberto que os jurados eram em geral tão racistas que o julgamento não poderia continuar. Existia uma atmosfera de linchamento coletivo que não havia possibilidade de recebermos nada comparado a um julgamento justo. Então eles nos deram uma alteração de local para outro bairro – Morris County – onde era para recomeçarmos o processo. Acontece que Morris County era 99% branca e um dos locais mais ricos de Nova Jersey, na verdade de todo o país.

Pergunta: Que evidência foi apresentada de que havia uma opinião geral racista naquela época?

Assata Shakur: Não foram apresentadas evidências, mas a imprensa estava me jugando há anos. Transformaram-me num monstro. Eles criaram essa mulher maldosa que sai por aí aterrorizando a polícia, uma mulher louca essencialmente. Eles criaram toda uma mitologia para me destruir. Eles começaram essa campanha na imprensa em 1970-71. A imprensa estava livre para dizer qualquer coisa e o FBI e a CIA estavam passando informações para ela. Ninguém nunca me fez nenhuma pergunta e nem pelo menos tentou lidar com o fato de que somos seres humanos, pessoas que tinham uma longa vida de resistência. Eles eram muito poderosos e as pessoas acreditaram.

Pergunta: Você percebeu que havia alguma relação entre as informações que a polícia tinha e as notícias e distorções da mídia?

Assata Shakur: Não eram informações. Eles apenas criavam coisas e depois mandavam pra imprensa. Eles me acusavam de ter não sei quantas acusações pendentes e nada disso era verdade. Qualquer pessoa que lesse os jornais acharia que nós havíamos sido condenados a diversos crimes pelo país e nunca houve nenhuma menção de que nunca fomos condenados a nada.

Pergunta: Você disse que o julgamento foi suspenso porque vocês não conseguiram um júri imparcial. Vocês tiveram oportunidade de selecionar um júri com pessoas como vocês quando o julgamento recomeçou?

Assata Shakur: Não. A seleção do júri foi tendenciosa. A maioria das pessoas negras que poderiam ser juradas foi excluída pelo tribunal. Assim, pessoas que obviamente eram preconceituosas e, certamente achavam que eu era culpada, foram postas no júri. No segundo julgamento em

Nova Jersey houve uma separação e eu fui a julgamento sozinha. O juiz dizia: “Bom, você consegue deixar de lado suas opiniões pessoais? Você consegue seguir a lei como eu lhe disser? Você consegue ouvir minhas instruções e chegar a um veredicto?”. Mesmo que uma pesquisa tenha mostrado que 70% das pessoas de Middlesex County acreditavam que eu era culpada e já haviam ouvido do caso pela mídia, o juiz disse que era um julgamento justo e que não havia discriminação. Eu fui julgada e condenada por um júri 100% branco, um júri que era claramente a favor da acusação. O júri estava em separado, mas a polícia e os jurados se misturavam livremente. O mesmo ocorreu no caso de Sundiata. Uma das juradas negras no seu caso realmente tentou fazer alguma coisa, mas ela foi vencida. Havia uma verdadeira investigação da maneira como a polícia interagia com os guardas e os oficiais do tribunal interagiam com os jurados enquanto eles estavam em separado e, especialmente num caso onde os réus são acusados de terem assassinado um oficial da polícia, isso é um jeito de influenciar o júri.

Pergunta: Em dezembro de 1978, sua advogada, junto com outras organizações e grupos, entraram com uma petição junto à Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas alegando um padrão sistemático de violações de direitos humanos em relação a prisioneiros nos Estados Unidos. Seu caso foi um dos citados e você foi visitada por um grupo de juristas internacionais e advogados. Você pode nos dizer exatamente em que tipo de unidade você foi colocada e por quanto tempo e em quais condições?

Assata Shakur: Bem, eu passei dois anos e meio – talvez mais – nessas prisões. Depois de ser condenada em 1977, fui levada para a prisão de Quentin para mulheres por cerca de uma semana e, depois, fui transferida para Yardsville, que é uma prisão só de homens. Não uma cadeia, uma prisão. Eles me deram um livreto: “Essas são as regras para a nova unidade para mulheres na prisão de Yardsville”. Eu

era a única mulher na nova unidade e eles me disseram que eu ficaria lá pelo resto da minha vida. Eles conseguiram um psicólogo da prisão para testemunhar que eu era uma revolucionária insensível e que nenhuma quantidade de tempo na solitária causaria algum dano à minha saúde mental. Fui mantida nessa – era como uma jaula – dentro de uma seção completamente isolada da prisão. Havia dois guardas em frente à cela todo o tempo e luzes acesas sempre.

Pergunta: Esses guardas eram mulheres?

Assata Shakur: Não, eram ambos. Ficavam em frente à minha cela escrevendo tudo que eu fazia, tipo: “Sujeito está comendo. Sujeito está no banheiro. Sujeito está lendo”. Tudo que fazia, eles registravam. Eu não tinha contato algum com outros prisioneiros, nem acesso à biblioteca, nem a nenhuma das outras facilidades educacionais, nenhuma recreação ao ar livre. Minhas visitas familiares eram numa sala imunda, um lugar nojento – era uma sala de revista para os presos comuns. Então tínhamos que sentar nessa sala nojenta – e era insuportavelmente nojenta – e fazer nossa visita, as poucas visitas que me eram permitidas. As visitas de advogados também eram nessa sala. A outra coisa que falei com os advogados internacionais foi que eu fui transferida para Alderson, em West Virginia, que era uma prisão dentro de outra prisão. Apesar de não ter nenhuma acusação federal, havia esse acordo chamado Acordo de Contato Interstadual, pelo qual qualquer pessoa, com o objetivo de estabelecer suas relações familiares e com a comunidade, pode ser enviada a qualquer prisão federal do país. Sundiata foi enviado para a prisão de Marion, que é o pior campo de concentração dos estados unidos. Alderson foi feita para as 20 mulheres mais “perigosas” dos eua. Duas delas eram da família Manson, uma foi acusada de tentativa de agressão ao presidente Ford, e o resto das mulheres – a grande maioria – eram membros da Irmandade Ariana, que é uma organização nazi-fascista. Apesar de a população de presos em Al-

derson ser de maioria negra – negros, latinos e asiáticos – a unidade de controle era toda branca, com a exceção de mim. Eu estava lá com treze ou quinze nazistas que usavam suásticas costuradas nas calças, que tiravam fotos fazendo a saudação hitlerista. E eu fiquei lá até a unidade ser fechada quando fui transferida para o Buraco.

Pergunta: O que é o Buraco?

Assata Shakur: O Buraco é o confinamento na solitária. É segregação punitiva. Apesar de que não fui acusada de nenhuma infração disciplinar em todo tempo que fiquei lá, fui jogada no Buraco enquanto decidiam o que fazer comigo. Eles não queriam que eu ficasse na área comum das prisões, em hipótese alguma, então tive que ficar no Buraco até que finalmente decidiram que me mandariam de volta para a prisão de Quentin. Na prisão de Quentin, imediatamente após a minha chegada, eles fecharam o prédio onde eu estava, o que significa que todas as mulheres que estavam no prédio, que trabalhavam e estavam indo para a escola perderam seus empregos e só podiam se locomover dentro do prédio de segurança máxima. As mulheres podiam participar em todos os programas de recreação – até eu chegar – elas perderam tudo. E a administração da prisão dizia para as presas: “Ela é o motivo pelo qual vocês perderam seus empregos e que não podem mais ir para a escola. Ela é a razão pela qual vocês estão confinadas 24 horas por dia nesse prédio”. Eu podia perceber que os oficiais da prisão estavam tentando criar uma situação onde as mulheres viriam pra cima de mim. Eles transferiram quase todas as mulheres que tinham alguma noção do que estava acontecendo para outro prédio de segurança máxima, e encheram o prédio que eu estava com mulheres que eram informantes, que eram ferramentas da administração ou mulheres que eram apenas loucas ou totalmente idiotas.

Pergunta: Então, sua opinião é que as autoridades da prisão tentaram fazer com que outras detentas lhe atacassem fisicamente?

Assata Shakur: Sim. Eles incitavam essas mulheres constantemente; eles transferiram as pessoas do lado deles para esse prédio especialmente por esse motivo, mulheres que não tinham longas sentenças, nenhum motivo para estarem naquele prédio, foram enviadas com o motivo exclusivo de arranjar confusão. Chegou ao ponto que os guardas – guardas negros – diziam: “Não vá lá fora hoje porque elas prepararam algo pra você”. Eu sempre ouvia o que os guardas tinham para dizer com alguma ressalva, mas em certas ocasiões descobri que eles falavam a verdade.

Pergunta: De acordo com a Constituição dos Estados Unidos, todo mundo acusado de algum crime possui o direito de escolher seu advogado e se a pessoa não possui recursos para pagar um advogado, o tribunal escolhe um para a pessoa. Os registros indicam que no seu caso, entretanto, um dos advogados foi misteriosamente assassinado durante o curso de um dos seus julgamentos. Você poderia explicar para nós o julgamento que estava ocorrendo, o que aconteceu e o que se sabe sobre isso, como isso implicou na sua defesa?

Assata Shakur: Isso aconteceu no julgamento em Nova Jersey. Havia ataques constantes aos meus advogados. Eles eram ameaçados por desacato, de serem expulsos do caso – isso é a primeira coisa. Stanley Cohen, que foi assassinado, era um dos meus advogados naquele caso. Há um mito de que alguém que é acusado de um crime possui o direito a um advogado. A realidade é que a maioria das pessoas que não possuem dinheiro para pagar um advogado, pegam um advogado que não têm interesse algum no seu caso, não fazem investigação, nenhum trabalho. No meu caso, o Estado tinha milhões de dólares a seu dispor para me acusar e nós

não tínhamos nenhum dinheiro. Precisávamos de especialistas para montar a defesa, peritos em balística, porque muito das evidências – as ditas evidências físicas – foram fabricadas. Coisas que apareceram nos relatórios e depois sumiram, depois apareceram de novo e estava óbvio que todas as evidências eram falsas. Então nós precisávamos de um químico forense, um investigador, peritos em balística e não tínhamos dinheiro algum. Finalmente, depois dos advogados brigarem muito, o juiz concedeu uma ordem garantindo alguma assistência para pagar os peritos, apesar de ser muito difícil achar peritos e especialistas que não trabalhem para a polícia, especialmente se você está sendo acusada de ter matado um policial. Só para achar um já era um trabalho árduo. Stanley Cohen fez alguns contatos e alguns acordos iniciais com um investigador, e estava a caminho de conseguir tratar com alguns desses peritos para mostrar as falsas evidências – e de repente ele foi achado morto no seu apartamento. A causa da morte dele nunca foi divulgada. O relatório inicial indicou que ele foi vítima de um trauma – mas nós nunca conseguimos a causa real de sua morte, se ele foi ou não assassinado. Eles finalmente disseram algo sobre causas naturais, mas nunca houve um relatório de como ele morreu. O que sabemos é que todos os meus registros legais que estavam em seu apartamento foram levados pelos estados unidos – na verdade, pelo Departamento de Polícia de Nova York – tudo. Eles disseram que pegaram aquilo – meus registros – como evidência. Eles não disseram evidência de quê. Evelyn teve que iniciar um processo para conseguir os registros de volta. Vários deles desapareceram; todas as anotações referentes ao caso nunca foram achadas. Depois, logo após a morte de Stanley Cohen, o juiz retirou as ordens que diziam que o Estado deveria nos ajudar a pagar pelos peritos. A ordem dizia que nós não havíamos conseguido esses peritos em tempo e, por isso, a ordem não era mais válida. William Kunstler era um dos advogados no caso, assim como Lennox Hines; logo depois eles foram citados por desacato. O juiz conduziu uma audição para

tirar Kunstler do caso porque ele estava tentando angariar dinheiro para pagar os especialistas. Ao invés de preparar minha defesa, os advogados foram postos numa situação onde tinham que preparar suas próprias defesas e isso continuou durante todo meu tempo na prisão. Evelyyn Williams – que era também minha tia – era minha advogada. Ela foi citada por desacato, ela era afetada por isso diariamente, ela ficou um tempo na prisão por desacato sem razão alguma. Isso aconteceu com quase todos os meus advogados, se não todos, foram todos ameaçados. Lou Meyers, um advogado do Mississippi, disse que preferia participar de um milhão de casos no Mississippi do que de um em Nova Jersey, porque era o lugar mais racista que ele já esteve. Porém não era só em Nova Jersey, era em Nova York, era em todo lugar que fui julgada. E não aconteceu apenas comigo; isso era algo que repetido em todos os casos relacionados com presos políticos; em todo caso os advogados eram assediados e os presos recebiam o pior tratamento.

Pergunta: A sua família foi assediada e intimidada de alguma forma pelas autoridades durante todo esse período?

Assata Shakur: Certamente. Primeiro, deixe-me dizer que as autoridades prisionais tentam fazer com que as visitas sejam as mais desconfortáveis possíveis. Eles constroem prisões em lugares que são muito difíceis de visitar. Famílias precisam gastar horas na fila, apenas esperando para entrar, em pé no frio. Não há locais para elas e normalmente nada para beber. Quando a minha filha era pequena, minha mãe a trazia para me visitar e os guardas diziam: “Ela não pode ter leite. Ela não pode ter fraldas”. Coisas absurdas para fazer nossa vida muito mais difícil. Minha família foi submetida à abuso policial em todos os níveis. Minha mãe teve um ataque cardíaco porque a polícia foi ao trabalho dela e tentaram arrombar a porta. Câmeras de segurança, grampos de telefone, dispositivos, ligações telefônicas estranhas no meio da noite tocando gravações falsas da minha

voz, tudo isso eles sofreram por serem da minha família. Eles não podiam apenas sentar e ter uma conversa em casa, tudo estava sendo gravado. Parte do motor do carro caía e eles iam para a garagem verificar e tinha sido misteriosamente serrado; pneus eram furados. Cartas, todos os tipos de cartas de agentes policiais, ameaçadoras – eram apenas violentos ataques com o objetivo de desestabilizá-los e destruir nossa unidade familiar, tentando virar um contra o outro, tentando assustá-los para que tivessem medo até de se relacionar comigo. Porém, não funcionou. Nós sobrevivemos e eu acredito que nossa família está mais forte como resultado disso. Nós resistimos juntos e lutamos juntos e isso nos fez – todos nós – muito mais sérios sobre quem somos e sobre nosso amor pelo outro.



SOBRE O COMPLEXO INDUSTRIAL-PRISIONAL

*Assata Shakur**

Saudações irmãs, irmãos e camaradas.

Nunca na nossa história a crítica e a resistência contra o sistema foi tão importante. O crescimento do Complexo Industrial-Prisional tem sido espantosamente rápido e a repressão crescente que o tem acompanhado é totalmente alarmante. Que futuro nos espera? Quais são as implicações para as nossas crianças?

Aqueles que são alvos e vítimas do Complexo Industrial-Prisional são principalmente pessoas de cor. São nativos americanos, africanos, asiáticos e latinos que vieram de sociedades onde não havia prisões e onde prisões eram um conceito desconhecido. As prisões foram introduzidas na África, nas Américas e na Ásia como consequências da escravidão e do colonialismo e continuam a ser instrumentos de exploração e opressão. No coração dos impérios prisões também significavam opressão. As prisões da Europa estavam tão lotadas que os prisioneiros europeus foram enviados às colônias e encorajados a escravizar e colonizar outros povos. Na Inglaterra, durante o chamado período de expansão, não houve nenhuma prisão de devedores pobres, porém mais de 200 crimes eram punidos com a morte. Durante a revolução francesa, a invasão e destruição da prisão de Bastilha se tornou um símbolo para a libertação de toda

* Carta escrita por Assata Shakur e datada de 25 de setembro de 1998, em Havana (Cuba). Tradução para o português a partir da versão em inglês disponível no site AssataShakur.org.

a Europa. Hoje, aqueles de nós cujos antepassados foram presos em fortalezas para escravos como Elmina ou Ilha de Goréia, agora se encontram aprisionados em locais como Elmira, Rikers Island, Terminal Island, Marion ou Florence. As prisões que estão sendo construídas nos estados unidos hoje são mais sofisticadas que campos de concentração como Auschwitz ou Dachau, mas elas servem ao mesmo propósito. Os lucros das indústrias prisionais e o trabalho escravo prisional está ultrapassando os níveis de superexploração do trabalho forçado nos campos de concentração nazistas.

O Complexo Industrial-Prisional não é somente um mecanismo para converter o dinheiro público dos impostos em lucros para as corporações privadas, ele é um elemento essencial do capitalismo neoliberal moderno. Ele serve a dois propósitos. Um é neutralizar e conter enormes segmentos dos setores potencialmente rebeldes da população e o segundo é sustentar um sistema de superexploração onde principalmente negros e latinos são aprisionados como cativos em comunidades rurais de brancos, comunidades dos feitores. Pessoas de cor são alvos fáceis. Nossa criminalização e demonização é uma tradição amerikana. A imagem do selvagem sujo, preguiçoso e indolente, de negrinhos atrasados que não servem para nada têm sido o esteio da cultura e da ideologia racistas que dominam a política dos eua. Um dos princípios básicos da revolução [de 1776] era que somente homens brancos ricos tinham o direito de lutar por uma revolução, qualquer outro que também lute por uma é um terrorista ou um subversivo. A verdadeira questão é que os povos oprimidos têm e sempre tiveram muito mais motivos para se indignarem com a “tributação sem representação”.

Repressão, tortura e espancamentos são tão comuns nas prisões dos eua hoje quanto eram nas plantações escravagistas. Prisioneiros políticos suportam o peso dessa brutalidade sistemática. Aqueles que lutam contra a opressão e não aqueles que a perpetuam, são jogados em masmorras. A tortura prolongada do confinamento na solitária tem sido

usada não somente como uma arma contra dissidentes políticos, mas como uma arma contra qualquer um que proteste contra as injustiças desse sistema. Como você pode lutar contra a injustiça sem exigir a libertação dos presos políticos?

Infelizmente, há mais jovens encarcerados e atrás das grades reproduzindo os valores deste sistema capitalista decadente do que jovens que estão lutando conscientemente para muda-lo. Durante os anos 1960, quando o movimento estava no auge, a população prisional era somente uma fração do que é hoje. Aqueles que institucionalizaram o sequestro de africanos, aqueles que orquestraram o genocídio contra os americanos nativos, aqueles que saquearam as riquezas do mundo e que são responsáveis pelos crimes mais hediondos do planeta querem nos pregar a lei e a ordem.

Aqueles que lucram com a miséria humana e nos negam educação, ações afirmativas, cuidados de saúde e moradia decente, querem nos dar lições de moralidade. Muitos de nós assistimos impotentemente, enquanto nossas crianças imitam e internalizam a ganância, a ostentação e a cultura do consumo conspícuo praticadas por aqueles que nos oprimem. Nós assistimos às mesmas pessoas que importam drogas para o país e que as distribuem em nossas comunidades, travarem uma guerra contra nós com o nome de “guerra às drogas”.

O Complexo Industrial-Prisional não é uma distorção do capitalismo global moderno, é uma parte e uma parcela desse sistema. Não é suficiente lutar contra o Complexo Industrial-Prisional, nós temos que lutar contra a ideologia que o promove. Os seres humanos são seres sociais e têm a necessidade básica de viver em comunidades acolhedoras ao invés de comunidades hostis. Os povos do mundo têm um potencial infinito de contribuir para esse planeta e é um crime nos impedirem de fazê-lo. Os seres humanos que vivem nesse planeta têm uma habilidade ilimitada de aprender, crescer, mudar, sermos generosos, inventar e comparar

tilhar. É um crime impedir pessoas jovens de desenvolverem seus talentos. É um crime deixar valores individualistas destruírem o bem coletivo. Para aqueles que governam este planeta, nós somos todos descartáveis. Nosso único valor para eles é a riqueza que nós somos capazes de produzir. É um sistema sem compaixão, sem amor e sem fé.

Que tipo de mentalidade é essa que classifica uma pessoa de 5 anos como sendo incorrigível? Que tipo de sistema trataria uma pessoa de 12 anos como um adulto? Que tipo de mentalidade é essa que sentenciaria uma pessoa de 20 anos a viver incomunicável? Como um sistema pode clamar pela não-violência, enquanto elogia a pena de morte dentro de suas fronteiras, bombardeia e mata pessoas inocentes ao redor do mundo? Esse é um sistema que vende, promove e exporta violência. É um sistema que prefere enclausurar e assassinar seus jovens do que os educar. Nesse mundo com seus valores grotescos e cínicos, soa ingênuo acreditar nas pessoas e acreditar na nossa habilidade de criar um mundo melhor.

Mas, como você pode acreditar num futuro se você não acredita nas pessoas que irão fazê-lo? Como você pode acreditar em direitos humanos sem acreditar nos seres humanos? Como você pode dizer que acredita na justiça, sem acreditar em justiça social, política e econômica para todas as pessoas?

O Complexo Industrial-Prisional não destrói somente indivíduos; ele destrói famílias e comunidades. Se nós não o destruirmos, ele irá nos destruir. Conclamo-os a fazerem tudo o que puderem para quebrar essas correntes.

Libertem todos os prisioneiros políticos.
Libertem Mumia Abu-Jamal.

SOCIALISMO E COMUNISMO

*Assata Shakur**

Haviam muitos grupos comunistas no *campus* [da Faculdade Comunitária de Manhattan]. Na época, eu não fazia ideia de que existiam tantos tipos diferentes de comunistas e socialistas, que existiam marxistas, leninistas, maoístas, trotskistas, etc. Minha lavagem cerebral foi tão forte que eu pensava que todos os comunistas eram iguais. A maioria dos comunistas que conheci não faziam parte de nenhum partido, apenas se identificavam com a filosofia do comunismo. A maioria seguia linhas políticas e ideias bem diferentes e era muito difícil para eles sentarem e concordarem em alguma coisa, muito menos conspirar um “plano comunista”.

Eu fiquei surpresa em saber que havia todo tipo diferente de países capitalistas e diferentes tipos de países comunistas. Eu escutava tanto sobre “bloco comunista” e “atrás da cortina de ferro” na imprensa que naturalmente criei a impressão que esses países eram todos iguais. Apesar de serem todos socialistas, a Alemanha Ocidental, Bulgária, Cuba e Coreia do Norte são tão diferentes quanto a noite e o dia. Todos eles possuem histórias diferentes, culturas diferentes e diferentes formas de aplicarem a teoria socialista, mesmo tendo o mesmo sistema econômico e sistemas políticos similares. Sempre me impressionou a quantidade de pessoas que podem ser enganadas e levadas a odiar pessoas que nunca fizeram nada para machucá-las. Você simplesmente menciona a palavra “comunista” e muitos desses patriotas idiotas estão prontos para te matar.

* Passagem retirada do capítulo 12 do livro *Assata: An Autobiography* (Lawrence Hill Books, EUA, 1998), páginas 189-192.

Eu não era contra o comunismo, mas também não posso dizer que apoiava. Inicialmente, eu achava suspeito, como se fosse tipo uma invenção de homem branco, até que eu li trabalhos de revolucionários Africanos e estudei os movimentos de libertação africanos. Os revolucionários na África entenderam que a questão da libertação africana não era só uma questão de raça, que mesmo que eles conseguissem se livrar dos colonialistas brancos, se eles próprios não se livrassem da estrutura econômica capitalista, os colonialistas brancos simplesmente seriam substituídos por neocolonialistas Pretos. Não houve um movimento de libertação na África que não estivesse lutando pelo socialismo. Na verdade, não há um movimento de libertação sequer no mundo que tenha lutado pelo capitalismo. A coisa toda se resume a uma simples questão: qualquer coisa que tenha algum tipo de valor é feita, extraída, plantada, produzida e processada pelos trabalhadores. Então, por que os trabalhadores não deveriam coletivamente possuir essa riqueza? Por que os trabalhadores não deveriam possuir e controlar essa riqueza? Capitalismo significa que os empresários ricos possuem a riqueza, enquanto que o socialismo significa que o povo que fez aquela riqueza a possui.

Eu entrei em acaloradas discussões com irmãos e irmãs que falavam que a opressão do Povo Negro seria apenas uma questão de raça. É por isso que você tem negros apoiando Nixon, Reagan ou outros conservadores. Pessoas negras com dinheiro sempre tenderam a apoiar candidatos nos quais eles acreditavam que iriam proteger seus interesses financeiros. Na minha opinião, não precisou de muita inteligência para perceberem que o Povo Negro é oprimido por causa da classe, assim como da raça, porque somos pobres e negros. Sempre me incomodava quando alguém falava sobre uma pessoa negra subindo a escada do sucesso. Sempre que você fala sobre uma escada, você está falando sobre o topo e a base, uma classe superior e uma classe inferior, uma classe rica e uma classe pobre.

Se você tiver um sistema com um topo e uma base, o Povo Negro sempre vai terminar na parte de baixo porque somos mais fáceis de sermos discriminados. Por isso que eu nunca consegui enxergar a luta por dentro do sistema. Tanto o partido democrata quanto o partido republicano são controlados por milionários. Eles estão interessados em se manter no poder, enquanto que eu estava interessada em tirar o poder deles. Eles estavam interessados em apoiar ditaduras fascistas na América do Sul e Central, enquanto que eu queria vê-las derrubadas. Eles estavam interessados em apoiar regimes fascistas e racistas na África, enquanto que eu queria vê-los derrubados. Eles estavam interessados em derrotar os Vietcongues e eu estava interessada em vê-los ganhar sua libertação. Um cartaz do massacre de My Lai, mostrando mulheres e crianças amontoadas em uma pilha com seus corpos perfurados por balas, pendurado na minha parede era um lembrete diário da brutalidade que existia no mundo.

A Faculdade Comunitária de Manhattan não oferecia nenhum curso sobre a história de Porto Rico. As irmãs e irmãos porto-riquenhos que sabiam o que estava acontecendo se tornaram nossos professores. Eu andei toda a minha vida com porto-riquenhos e eu nem sabia que Porto Rico era uma colônia. Eles nos falaram da longa e valente luta contra os primeiros colonizadores espanhóis e depois contra o governo dos eua e sobre seus heróis revolucionários, os cinco porto-riquenhos (Lolita Lebrón, Rafael Miranda, Andres Cordero, Irving Flores e Oscar Collazo), cada um tendo passado mais que um quarto de século atrás das grades por lutar pela independência de Porto Rico. Uma vez que você entende algo sobre a história de um povo, seus heróis, suas dificuldades e sacrifícios, é mais fácil lutar com eles, apoiar sua luta. Para muitas pessoas nesse país, as pessoas que vivem em outros lugares não têm rostos. E esse é o jeito que o governo dos eua quer que seja. Eles pensam que enquanto as pessoas não tiverem rostos e o país não te-

nha forma, os amerikanos não iram protestar quando eles enviarem a marinha para destruí-los.

Comecei a me enxergar como socialista, mas de jeito algum eu poderia me ver integrando nenhum dos grupos socialistas com os quais tive contato. Eu adorava ouvi-los, aprender com eles e debater, mas de forma alguma me enxergava tornar-me membro. Primeiramente, não aguentava as atitudes condescendentes e paternalistas de algumas pessoas brancas desses grupos. Alguns dos membros mais antigos pensavam que porque estavam na luta pelo socialismo há muito tempo, eles sabiam todas as respostas para os problemas do Povo Negro e todos os aspectos da luta pela Libertação Negra. Eu não me identificava com a ideia de um grande pai branco na terra assim como não me identificava com um grande pai branco no céu. Estava disposta e pronta a aprender de tudo que eu podia com eles, mas com certeza não estava disposta a aceitá-los como líderes da luta pela Libertação Negra. Alguns poucos achavam que tinham o monopólio sobre Marx e agiam como se os únicos entendidos sobre o socialismo no mundo viessem da Europa. Em muitos casos, eles rebaixavam as contribuições teóricas e práticas de revolucionários do Terceiro Mundo como Fidel Castro, Ho Chi Minh, Agostinho Neto e outros líderes de movimentos por libertação do Terceiro Mundo.

Outra coisa que ia contra o que me seria natural era a arrogância e o dogmatismo que eu encontrei em alguns desses grupos. Um membro de um grupo me disse que se eu realmente estava preocupada sobre a libertação do Povo Negro, deveria largar a escola e arranjar um emprego numa fábrica, que se queria me livrar do sistema, eu deveria trabalhar numa fábrica e organizar os trabalhadores. Quando eu perguntei por que ele não estava trabalhando numa fábrica e organizando os trabalhadores, ele me disse que permanecia na escola para organizar os estudantes. Eu disse que estava tentando mobilizar os estudantes também e que sentia perfeitamente que os trabalhadores poderiam se organizar por eles próprios sem nenhum universitário fazen-

do isso por eles. Alguns desses grupos vinham com teorias abstratas e intelectuais, totalmente deslocadas de aplicações práticas e juravam que tinham as respostas para os problemas do mundo. Eles atacaram os vietnamitas por participarem nas palestras pela paz em Paris, alegando que negociando, os Vietcongues estavam se vendendo para os eua. Eu acho que eles se sentiram insultados quando perguntei como um grupo de garotos brancos gorduchos e fracotes tinham a audácia de pensar que podiam dizer aos vietnamitas como eles tinham que agir.

Arrogância foi um fator predominante para manter a esquerda branca tão rachada. Eu sentia que ao invés de lutarem juntos por uma causa comum, eles gastavam tempo brigando uns com os outros sobre quem tinha a melhor teoria.

Mesmo respeitando o trabalho e posições políticas de muitos grupos da esquerda, eu sentia que era necessário para o Povo Negro que se juntasse para construir nossas próprias estruturas e nossa própria organização revolucionária. Amizade é baseada em respeito. Apesar de boa parte da esquerda branca querer desempenhar seu papel para organizar, educar, recrutar e direcionar revolucionários Negros, eu não conseguia ver como alguma amizade poderia avançar. Eu sentia, e ainda sinto, que é preciso que revolucionários Negros se juntem, analisem nossa história, nossa situação atual e defina por nós mesmos e nossa luta. A autodeterminação Negra é um direito básico e se nós não tivermos o direito de definir nossos destinos, então quem tem? Eu acredito que para conseguir nossa libertação, nós precisamos partir da posição de poder e de unidade e que uma organização revolucionária Negra, liderada por revolucionários Negros, é essencial. Eu acredito na união com revolucionários brancos para lutar contra um inimigo comum, mas estava convencida de que precisava ser na base do poder e da unidade do que da fraqueza e da unidade a qualquer custo.



UMA CARTA AO PAPA

*Assata Shakur**

Sua Santidade,

Eu espero que essa carta chegue ao senhor em boa saúde, boa disposição e envolta pelo espírito da generosidade. Eu tenho que confessar que nunca me ocorreu antes escrever para você e eu me sinto emocionada e maravilhada por ter esta oportunidade.

Apesar das circunstâncias terem me obrigado a entrar em contato com você, eu estou feliz de ter essa ocasião para tentar e cruzar as fronteiras que, caso contrário, nos separariam.

Eu sei que a Polícia Estadual de Nova Jersey lhe escreveu e pediu para que o senhor intervenha e ajude a facilitar a minha extradição de volta aos estados unidos. Eu acredito que esse pedido é sem precedentes na história. Já que eles se recusaram a tornar a carta que lhe mandaram pública, apesar de não terem hesitado em publicitar o pedido, eu me encontro totalmente desinformada sobre as acusações que eles estão fazendo contra mim. Por que, eu me pergunto, eu chamo tanta atenção? O que eu represento que é tamanha ameaça?

Por favor, deixe-me contar um pouco sobre mim mesma. Meu nome é Assata Shakur e eu nasci e cresci nos estados unidos. Eu sou uma descendente de Africanos que foram sequestrados e trazidos para as Américas como escravos. Eu passei o início da minha infância no Sul, segregado e racista.

* Carta escrita por Assata Shakur para João Paulo II e datada de 15 de janeiro de 1998, em Cuba. Tradução para o português a partir da versão em inglês disponível no site AssataShakur.org.

Mais tarde, eu me mudei para a parte norte do país, onde que percebi que as pessoas Negras eram igualmente vítimas do racismo e da opressão.

Eu cresci e me tornei uma ativista política, participando de lutas estudantis, do movimento antiguerra e, principalmente, do movimento pela libertação de Africanos-Americanos nos estados unidos. Depois, eu me juntei ao Partido Pantera Negra, uma organização que foi alvo do COINTELPRO, um programa que o Departamento Federal de Investigação (FBI) implementou para eliminar toda oposição às políticas do governo dos eua, para destruir o Movimento pela Libertação Negra nos eua e para desacreditar ativistas e eliminar lideranças em potencial.

Como resultado, fui alvo do COINTELPRO. Eu, assim como muitos outros jovens, fiquei cara-a-cara com a ameaça de prisão, clandestinidade, exílio ou morte. Neste ponto, acredito que é importante deixar uma coisa bem clara. Eu defendi e ainda tenho defendido mudanças revolucionárias na estrutura e nos princípios que governam os eua. Eu defendo o fim da exploração capitalista, a abolição das políticas racistas, a erradicação do sexismo e a eliminação das políticas de repressão. Se isso é um crime, então eu sou totalmente culpada.

Para encurtar a história, deixe-me enfatizar que justiça para mim não é a questão, mas sim justiça para o meu povo é o que está em jogo. Quando o meu povo receber justiça, eu tenho certeza que eu também receberei. Eu sei que a Sua Santidade chegará às suas próprias conclusões, mas me sinto na obrigação de apresentar as circunstâncias em torno da aplicação da “justiça” em Nova Jersey. Eu não sou a primeira, nem a última, a ser vítima do sistema da “justiça” de Nova Jersey. A Polícia Estadual de Nova Jersey é famosa pelo seu racismo e brutalidade. Muitas ações legais foram movidas contra ela e, recentemente, em um procedimento de ação legal, a Polícia Estadual de Nova Jersey foi considerada culpada por ter “oficialmente sancionado uma política real de perseguir minorias com investigações e prisões”.

Apesar da população de Nova Jersey ser 78% branca, mais que 75% da população carcerária é composta de Negros e Latinos e 80% das mulheres nas prisões de Nova Jersey são mulheres de cor. Há 15 pessoas no corredor da morte no estado e 7 delas são Negras. Um estudo de 1987 descobriu que os promotores de Nova Jersey buscam a pena de morte em 50% dos casos envolvendo réus Negros e vítimas brancas, mas em apenas 28% dos casos envolvendo réus Negros e vítimas Negras.

Infelizmente, a situação de Nova Jersey não é exclusividade, mas reflete o racismo que permeia o país inteiro. Os estados unidos possuem a maior taxa de encarceramento do mundo. Há mais de 1,7 milhões de pessoas encarceradas nas prisões dos eua. Esse número não inclui as mais de 500.000 pessoas em prisões de municípios e cidades, nem inclui o número alarmante de crianças em instituições juvenis.

A grande maioria daqueles atrás das grades são pessoas de cor e praticamente todos aqueles atrás das grades são pobres. O resultado dessa realidade é devastador. Um terço dos homens Negros entre 20 e 29 anos estão em prisões ou sob restrição do sistema de justiça criminal.

Prisões são grandes negócios nos estados unidos e a construção, direção e abastecimento das cadeias se tornou a indústria de maior crescimento do país. Fábricas estão sendo deslocadas para dentro das prisões e prisioneiros estão sendo forçados a trabalhar como escravos. Essa super-exploração de seres humanos significa a institucionalização de uma nova forma de escravidão. Aqueles que não podem achar trabalho são forçados a trabalhar na prisão.

Não só as prisões estão sendo usadas como forma de exploração econômica, elas também servem como instrumento de repressão política. Há mais de 100 presos políticos nos eua. Eles são africanos, porto-riquenhos, chicanos, norteamericanos, asiáticos e brancos progressistas que se opuseram às políticas do governo dos estados unidos. Muitos da-

queles que foram alvos do COINTELPRO estiveram na prisão desde o começo dos anos 70.

Apesar da situação das prisões ser um indício de violações de direitos humanos dentro dos estados unidos, há outros indicadores, mais fatais. Existem atualmente 3.365 pessoas no corredor da morte e mais de 50% dessas pessoas aguardando a morte são pessoas de cor. Pessoas Negras são apenas 13% da população, mas somos 41% das pessoas que receberam a pena capital.

O número de pessoas assassinadas pelo Estado aumentou drasticamente. Só em 1997, 71 pessoas foram executadas. Um repórter especial designado pela Organização das Nações Unidas (ONU) descobriu sérias violações aos direitos humanos nos EUA, especialmente aos relacionados à pena de morte. De acordo com essas descobertas, as pessoas com doenças mentais eram sentenciadas à morte assim como pessoas com deficiência de aprendizado e menores de 18 anos. Séria parcialidade em relação à raça foi encontrada por parte de juízes e promotores.

Especialmente mencionado no relatório foi o caso de Mumia Abu-Jamal, o único preso político no corredor da morte, que foi sentenciado à morte por seus ideais políticos e por causa do seu trabalho como jornalista, expondo a brutalidade policial na cidade da Filadélfia.

Brutalidade policial é uma ocorrência cotidiana nas comunidades. A polícia tem licença efetiva para matar e eles matam crianças, idosos e quaisquer pessoas que consideram como inimigas. Eles atiram primeiro e fazem as perguntas depois. Dentro das prisões e cadeias, há no mínimo a mesma brutalidade que havia nas plantações escravistas. Um número crescente de presos tem sido encontrados enforcados em suas celas.

Os estados unidos está se tornando um lugar cada vez mais hostil a pessoas de cor e Negras. O racismo está crescendo vertiginosamente e a xenofobia também. Isso é especialmente verdade na esfera da política nacional. Políticos

estão tentando culpar os Negros e pessoas de cor pelos problemas sociais.

Tem havido ataques em praticamente todas as ações afirmativas feitas para ajudar a corrigir os resultados acumulados de centenas de anos de escravidão e discriminação. Além disso, o governo parece determinado em eliminar todos os programas sociais que proveem assistência aos pobres, resultando em uma situação onde milhões de pessoas não possuem acesso à assistência de saúde básica, moradia decente ou educação de qualidade.

Foi com grande felicidade que eu li a mensagem de Natal que a Sua Santidade entregou. Eu lhe aplaudo por levantar a bandeira dos pobres, dos sem-teto, dos desempregados. O fato de você estar tratando dos problemas de hoje, o desemprego, a desesperança, o abuso infantil e os problemas das drogas é importante para pessoas de todo o mundo.

Um terço das pessoas Negras nos estados unidos vivem na pobreza e nossas comunidades estão infestadas de drogas. Nós temos todas as razões para acreditar que a CIA e as agências governamentais estão envolvidas no tráfico de drogas.

Apesar de nós vivermos em um dos países mais ricos, mais avançados tecnologicamente do mundo, nossa realidade é similar aos não desenvolvidos, países do Terceiro Mundo. Nós somos um povo que está verdadeiramente buscando liberdade e harmonia.

Toda a minha vida eu fui uma pessoa espiritualizada. Primeiro aprendi sobre a luta e o sacrifício de Jesus nas igrejas segregadas do Sul. Eu me converti ao catolicismo enquanto jovem. Na minha vida adulta eu me tornei uma estudante da religião e estudei o Cristianismo, o Islã, religiões Asiáticas e as religiões Africanas dos meus ancestrais. Eu passei a acreditar que Deus é universal por natureza apesar de chamarmos por nomes diferentes e com rostos diferentes. Eu acredito que algumas pessoas soletram *God* com um 'O', enquanto outras soletram com dois [*good*].

O que chamamos de Deus não é importante, desde que façamos o trabalho de Deus. Há aqueles que querem ver a ira de Deus cair sobre os oprimidos e não sob os opressores. Eu acredito que seja o fim dos tempos quando a escravidão, o colonialismo e a opressão podem ser realizadas sob a tutela da religião. Foi nas masmorras da prisão que eu senti a presença de Deus de perto e tem sido a minha crença em Deus, na generosidade dos seres humanos que tem me ajudado a sobreviver. Eu não tenho vergonha de ter estado presa e eu certamente não tenho vergonha de ter sido uma presa política. Eu acredito que Jesus foi um preso político que foi executado porque lutou contra as maldades do Império Romano, porque lutou contra a ganância dos vendedores do templo, porque lutou contra os pecados e injustiça do seu tempo. Como um verdadeiro filho de Deus, Jesus falou pelos pobres, pelos dominados, pelos doentes e pelos oprimidos. Os primeiros cristãos foram jogados aos leões. Eu tentarei seguir o exemplo de tantos que se levantaram contra tamanha opressão.

Eu não estou escrevendo para pedir que interceda a meu favor. Eu não peço nada para mim. Eu apenas peço que examine a realidade social dos estados unidos e que fale contra as violações de direitos humanos que estão acontecendo.

Neste dia, aniversário de Martin Luther King Jr., eu me lembro de todos aqueles que deram suas vidas pela liberdade. A maioria das pessoas que vivem nesse planeta não são livres. Eu apenas peço que continue a trabalhar e rezar para acabar com a opressão e a repressão política. Eu acredito, do fundo do meu coração, que todas as pessoas na Terra merecem justiça: justiça social, justiça política e justiça econômica. Eu acredito que seja essa o único jeito com que nós iremos conseguir paz e prosperidade na Terra. Eu espero que você aproveite sua visita à Cuba. Este não é um país que é rico de coisas materiais, mas é um país que é rico em matéria humana, espiritual e moral.

Respeitosamente, Assata Shakur.

CARTA ABERTA

*Assata Shakur**

Meu nome é Assata Shakur e sou uma escrava fugitiva do século XX. Devido à perseguição do governo, não tive outra escolha senão fugir da repressão política, do racismo e da violência que dominam a política do governo dos eua em relação às pessoas de cor. Sou uma ex-presa política e vivo exilada em Cuba desde 1984.

Tenho sido uma ativista política a maior parte da minha vida e, embora o governo dos eua tenha feito tudo ao seu alcance para me criminalizar, não sou uma criminosa e nunca fui. Na década de 1960, participei de várias lutas: do movimento de libertação negra, do movimento pelos direitos estudantis e do movimento pelo fim da guerra no Vietnã. Aderi ao Partido Pantera Negra. Em 1969, o Partido Pantera Negra havia se tornado a principal organização no alvo do COINTELPRO, programa do FBI. Como o Partido Pantera Negra exigia a libertação total do Povo Negro, J. Edgar Hoover o chamou de “a maior ameaça à segurança interna do país” e jurou destruí-lo, suas lideranças e militantes.

Em 1978, meu caso foi um dos muitos levados à Organização das Nações Unidas (ONU) em uma petição apresentada pela Conferência Nacional de Advogados Negros, a Aliança Nacional Contra a Repressão Racista e Política e a Comissão de Justiça Racial da Igreja Unida de Cristo, expondo a existência de presos políticos nos estados unidos, sua perseguição política e o tratamento cruel e desumano que rece-

* Carta aberta escrita por Assata Shakur para os veículos da mídia norte-americana, publicada no periódico *CovertAction Quarterly*, em outubro de 1998. Tradução para o português a partir da versão em inglês disponível no site AssataShakur.org.

bem nas prisões dos eua. De acordo com o relatório: “O FBI e o Departamento de Polícia de Nova York (NYDP), em particular, acusaram Assata Shakur de participar de ataques a agentes da lei e divulgaram amplamente tais acusações entre agências e unidades policiais. O FBI e o NYPD ainda a acusaram de ser uma líder do Exército de Libertação Negra (BLA), que o governo e suas respectivas agências descreveram como uma organização envolvida no tiroteio com policiais. Esta descrição do BLA e a acusação sobre o relacionamento de Assata Shakur com esta organização foi amplamente divulgada por agentes do governo entre agências e unidades policiais. Como resultado dessas atividades do governo, a senhora Shakur tornou-se uma pessoa caçada; cartazes em delegacias de polícia e bancos a descreviam como envolvida em atividades criminosas graves; ela foi destacada na lista de mais procurados pelo FBI; e para toda a polícia do país ela se tornou um alvo no qual se deveria 'atirar para matar'.”

Fui falsamente acusada em seis diferentes “casos criminais” e em todos esses seis casos acabei sendo absolvida ou as acusações foram retiradas. O fato de ter sido absolvida ou das acusações terem sido retiradas não significava que eu tenha recebido justiça nos tribunais; certamente não foi esse o caso. Significava apenas que as “evidências” apresentadas contra mim eram tão frágeis e falsas que minha inocência se tornou evidente. Essa perseguição política era parte integrante da política do governo de eliminar oponentes políticos, acusando-os de crimes e os prendendo sem sequer considerar as bases factuais de tais acusações.

Em 2 de maio de 1973, eu, Zayd Malik Shakur e Sundiata Acoli fomos parados na Nova Jersey Turnpike, supostamente por causa de um “farol traseiro quebrado”. Sundiata Acoli saiu do carro para verificar por que fomos parados. Zayd e eu permanecemos no carro. O policial estadual Harper então veio até o carro, abriu a porta e começou a nos questionar.

Como éramos negros e andávamos em um carro com placas de Vermont, ele alegou que éramos “suspeitos”. Então ele sacou a arma, apontou para nós e nos disse para colocarmos as mãos para o alto e onde pudesse vê-las. Eu obedeci e em uma fração de segundo, houve um som que veio de fora do carro, um movimento brusco e fui baleada uma vez com os braços ainda erguidos e depois novamente pelas costas.

Zayd Malik Shakur foi morto logo depois, o policial Werner Foerster foi também morto e, embora o policial Harper tenha admitido que atirou e matou Zayd Malik Shakur, se enquadrando na lei de homicídio criminal de Nova Jersey, fui acusada de matar Zayd Malik Shakur, que era meu amigo mais próximo. Amigo e camarada, que foi acusado da morte do soldado Forester. Nunca em minha vida senti tanta dor, Zayd havia jurado me proteger e ajudar a chegar em um lugar seguro, ficou claro que ele havia perdido sua vida tentando proteger a mim e a Sundiata.

Embora também estivesse desarmado e a arma que matou o policial Foerster tenha sido encontrada sob a perna de Zayd, Sundiata Acoli, que foi capturado posteriormente, também foi acusado de ambas as mortes. Sundiata Acoli e eu não recebemos um julgamento justo. Nós dois fomos condenados pela mídia antes de nossos julgamentos. Nenhum meio de comunicação teve permissão para nos entrevistar, embora a polícia de Nova Jersey e o FBI fornecessem histórias à imprensa diariamente. Em 1977, fui condenada por um júri totalmente branco e sentenciada à prisão perpétua e mais 33 anos de prisão. Em 1979, temendo ser assassinada na prisão e sabendo que jamais receberia justiça, fui libertada da prisão, auxiliada por camaradas comprometidos que compreendiam a profundidade das injustiças em meu caso, e que também estavam extremamente temerosos por minha vida.

O relatório da Comissão Church do Senado dos eua de 1976 sobre operações de inteligência dentro dos eua reve-

lou que “o FBI tentou secretamente influenciar a percepção do público sobre pessoas e organizações, divulgando informações depreciativas para a imprensa, anonimamente ou através de contatos 'amigáveis' com a imprensa”. Essa mesma política evidentemente ainda está em vigor hoje.

Em 24 de dezembro de 1997, a Polícia do Estado de Nova Jersey convocou uma coletiva para anunciar que havia escrito uma carta ao Papa João Paulo II pedindo-lhe que intervisse em seu nome e ajudasse a me extraditar de volta para as prisões de Nova Jersey. A Polícia do Estado de Nova Jersey recusou-se a tornar pública a carta. Sabendo que provavelmente tinham distorcido completamente os fatos para tentar fazer com que o Papa realizasse o trabalho do diabo em nome da religião, decidi escrever ao Papa para informá-lo sobre a realidade da 'justiça' para os negros no estado de Nova Jersey e nos eua.

Em janeiro de 1998, durante a visita do Papa a Cuba, concordei em dar uma entrevista ao jornalista da NBC, Ralph Penza, sobre minha *Carta ao Papa*, minhas experiências no sistema judiciário de Nova Jersey, as mudanças que vi nos estados unidos e o tratamento dado ao Povo Negro nos últimos 25 anos. Eu concordei em fazer esta entrevista porque vi esta carta secreta ao Papa como uma manobra publicitária vulgar e viciosa por parte da Polícia do Estado de Nova Jersey e como uma tentativa cínica de manipular o Papa João Paulo II.

Vivo em Cuba há muitos anos e estava completamente fora de contato com a natureza sensacionalista e desonesta da mídia corporativa hoje. É pior hoje que 30 anos atrás. Depois de anos sendo vitimada pela mídia do “establishment”, foi ingênuo da minha parte esperar que finalmente tivesse a oportunidade de contar o “meu lado da história”. Em vez de uma entrevista comigo, o que aconteceu foi um “evento de mídia encenado” em três partes, cheio de distorções, imprecisões e mentiras descaradas. A NBC propositalmente deturpou os fatos. A NBC não apenas gastou milhares de dó-

lares promovendo esta “série de entrevistas exclusivas”, mas também gastou muito dinheiro anunciando em estações de rádio negras e jornais locais.

Como a maioria das pessoas pobres e oprimidas nos estados unidos, não tenho voz. Os negros, os pobres nos estados unidos, não têm verdadeira liberdade de expressão, nenhuma liberdade real de expressão e muito pouca liberdade de imprensa. A imprensa negra e a mídia progressista historicamente desempenharam um papel essencial na luta por justiça social. Precisamos continuar e expandir essa tradição. Precisamos criar meios de comunicação que ajudem a educar nosso povo e nossas crianças e não a destruir suas mentes.

Eu sou apenas uma mulher. Não sou proprietária de emissoras de TV, estações de rádio ou de jornais. Mas sinto que as pessoas precisam ser informadas sobre o que está acontecendo e entender a conexão entre a produção das notícias e os instrumentos de repressão na amérika. Tudo o que tenho é minha voz, meu espírito e a vontade de dizer a verdade. Peço sinceramente a vocês da mídia negra, da mídia progressista, a vocês que acreditam na liberdade e na verdade, que divulguem esta declaração e permitam as pessoas saberem o que está acontecendo. Não temos voz, então vocês devem ser a voz dos que não têm voz.

Liberdade para todos os presos políticos. Eu vos envio amor e saudações revolucionárias de Cuba, um dos maiores, mais resistentes e mais corajosos *palenques* (quilombos de marrons) que já existiu no mundo.



CUBA, SOCIALISMO E ANTIRRACISMO

*Assata Shakur**

Liberdade. Eu não conseguia acreditar que realmente aconteceu, que o pesadelo tinha acabado, que finalmente o sonho tinha se tornado realidade. Eu estava exultante. Extasiada. Mas estava completamente desorientada. Tudo continuava a mesma coisa, ainda que tudo estivesse diferente. Todas as minhas reações eram super intensas. Eu submergi em padrões e texturas, sugando cheiros e sons como se cada dia fosse meu último. Eu me senti uma *voyer*. Eu me forcei a não ficar encarando as pessoas das quais as conversas me esforçava para escutar.

De repente, fui inundada com os horrores da prisão e toda experiência nojenta que fui, de alguma forma, capaz de minimizar enquanto estive lá dentro. Desenvolvi a habilidade de ser paciente, calculista e completamente autocontrolada. Na maior parte do tempo, fui incapaz de conseguir chorar. Me sentia rígida, como se tarugos duros de aço e concreto tivessem conseguido entrar no meu corpo. Eu estava fria. Me esforcei para entrar em contato com a minha suavidade. Eu estava com medo de que a prisão tivesse me feito feia.

Meus companheiros me ajudaram muito. Eles eram tão lindos e saudáveis. Eu os amei pela sua bondade comigo. Havia anos desde que tinha me comunicado com alguém tão intensamente e falava com eles quase que compulsivamente. Eles eram como remédios, me ajudando a me tornar eu mesma de novo.

* Texto originalmente publicado como *Pós-escrito* do livro *Assata: An Autobiography* (Lawrence Hill Books, 1998), páginas 266-274.

Mas eu havia mudado de diversas maneiras. Não era mais a jovem romântica revolucionária e inocente que acreditava que a revolução estava logo na esquina. Eu ainda apreciava o idealismo energético, mas eu havia há muito tempo me convencido de que a revolução era uma ciência. Generalidades não eram mais suficientes para mim. Como meus companheiros, eu acreditava que um nível mais alto de sofisticação política era necessário e que a união da comunidade negra precisava se tornar prioridade. Nós não podíamos nos permitir esquecer as lições que aprendemos com o COINTELPRO. Para mim, construir um senso de consciência nacional era uma das tarefas mais importantes que estavam à nossa frente. Eu não conseguia enxergar como nós poderíamos lutar seriamente sem ter um forte senso de coletividade, sem sermos responsáveis por cada um e com cada um.

Também estava claro para mim que sem um componente verdadeiramente internacionalista, o nacionalismo era reacionário. Não havia nada de revolucionário no nacionalismo por si só – Hitler e Mussolini eram nacionalistas. Qualquer comunidade seriamente preocupada com sua própria liberdade precisava estar preocupada com a liberdade dos outros povos também. A vitória do povo oprimido em qualquer lugar do mundo é uma vitória para o Povo Negro. Cada vez que um dos tentáculos do imperialismo é cortado fora, nós estamos mais próximos da libertação. A luta na África do Sul é a batalha mais importante do século XX para o Povo Negro. A derrota do apartheid na África do Sul colocará africanos de todo o mundo mais próximos da libertação. O imperialismo é um sistema internacional de exploração e, nós, enquanto revolucionários, precisamos ser internacionalistas para derrotá-lo.

Havana. Sol preguiçoso em contraste com o oceano azul esverdeado. Uma linda cidade de ruas estreitas formando teias de um lado e avenidas largas com trilhos de trem do

outro. Casas com tintas descascando e carros antigos dos anos 1940 e 1950.

É um lugar ocupado, cheio de ônibus, pessoas apressadas, crianças em uniformes vinho e dourados andando vagarosamente pelas ruas e balançando sacolas de livros. A primeira coisa que me impactou foram as portas abertas. Em todo lugar que você vai, as portas estão abertas. Você vê pessoas dentro de suas casas conversando, trabalhando e vendo televisão. Eu fiquei maravilhada em descobrir que você realmente podia andar pelas ruas sozinha de noite.

Pessoas idosas passeando devagar, carregando sacolas de compras, param para perguntar: “O que estão vendendo no mercado?”. Sem um momento de hesitação, eles gritam para as crianças saírem da rua. Eles ficam parados com as mãos na cintura, agindo como se fossem donos do lugar. Eu acho que são. Eles não têm medo.

Meus vizinhos exclamam: “É mentira! Que mentirosa você é!”. Meus vizinhos perguntam como é os eua e me acusam de estar mentindo quando conto sobre a fome, o frio e as pessoas dormindo nas ruas. Elas se negam a acreditar em mim. Como pode isso em um país tão rico? Eu falo sobre os vícios em drogas e prostituição infantil, sobre crimes nas ruas. Elas me acusam de estar exagerando: “Nós sabemos que o capitalismo não é um sistema bom, mas você não precisa exagerar. Realmente existem viciados de 12 anos de idade?”.

Apesar de eles saberem sobre o racismo e a ku klux klan, sobre o desemprego, tais coisas são surreais para eles. Cuba é um país de esperança. A realidade deles é diferente. Eu fico maravilhada com o quanto os cubanos realizaram em tão pouco tempo desde a Revolução. Há novos prédios em toda parte – escolas, apartamentos, clínicas, hospitais e centros de saúde. Eles não são como os arranha-céus subindo no meio da cidade de Manhattan. Não há condomínios exclusivos, nem prédios de escritórios luxuosos. Os prédios novos são para o povo.

Saúde, saúde dentária e visitas médicas são de graça. O ensino em todos os níveis educacionais é de graça. O aluguel não é mais do que dez por cento dos salários. Não há impostos – municipais, federais ou estatais. É tão estranho pagar o preço real dos produtos sem nenhum imposto acrescido. Eventos como cinema, teatro, concertos e esportes custam um ou dois pesos no máximo. Museus são de graça.

Nos sábados e domingos, as ruas ficam cheias de gente arrumadas e prontas para se divertir. Eu fiquei maravilhada em descobrir que uma ilha tão pequena tem uma vida cultural tão rica e tão viva, especialmente quando a mídia dos eua pinta um cenário exatamente contrário. Eu estou sendo apresentada a alguém em uma festa. A anfitriã me diz que o homem é de El Salvador. Eu estendo a minha mão para apertar a dele. Alguns segundos tarde demais eu percebo que ele não tem um braço. Ele me pergunta de que país eu sou. Eu estou tão chateada e envergonhada que estou quase tremendo: “Eu sou dos estados unidos, mas não sou ianque”, digo a ele. Uma pessoa amiga havia me ensinado essa frase. Eu odiava contar para as pessoas que eu era dos eua. Eu preferiria dizer que eu era uma Nova Afrikana, mas quase ninguém entenderia o que eu queria dizer. Quando eu li sobre os esquadrões da morte de El Salvador ou sobre o bombardeio de hospitais na Nicarágua, eu senti como se precisasse gritar.

Muitas pessoas nos eua apoiam a morte e destruição sem nem se dar conta. Elas indiretamente apoiam o assassinato de pessoas sem precisar nunca ver seus corpos. Mas em Cuba eu podia ver os resultados da política internacional dos eua: vítimas de tortura usando bengalas que vieram de outros países para Cuba para tratamento, incluindo crianças da Namíbia que sobreviveram à massacres e evidências das agressões maldosas que o governo dos eua cometeu contra Cuba, incluindo sabotagem e inúmeras tentativas de assassinato contra Fidel. Eu imaginava como todas aquelas pessoas nos estados unidos que tentavam soar duras, dizendo que os eua deveriam invadir aqui, bombear lá, con-

quistar aqui, sentiriam se soubessem que estão sendo indretamente responsáveis por bebês sendo mortos queimados. Eu imaginava como elas se sentiriam se elas fossem forçadas a tomar responsabilidade moral por isso. Às vezes parecia que as pessoas nos estados unidos são tão acostumadas em ver a morte no “Eyewitness News”, ver pessoas morrerem de fome na África, serem torturadas até a morte na América Latina ou baleadas nas ruas da Ásia que, de alguma forma, para elas, as pessoas do outro lado do oceano – pessoas “lá de cima” ou “lá de baixo” ou “do outro lado” – não são reais.

Uma das primeiras questões na cabeça dos negros dos estados unidos quando vem para Cuba é se existe racismo ou não. Eu certamente não era exceção. Eu havia lido um pouco sobre a história do Povo Negro em Cuba e sabia que era bem diferente da história do Povo Negro nos estados unidos. O racismo cubano não tinha sido tão violento e institucionalizado como o racismo nos eua e a tradição das duas raças, negros e brancos, lutando por libertação – primeiro da colonização e depois da ditadura – era muito mais forte em Cuba. A primeira guerra pela independência de Cuba começou em 1868 quando Carlos Manuel de Céspedes libertou seus escravos e os encorajou a se juntarem ao exército na luta contra a Espanha. Uma das figuras mais importantes naquela guerra foi Antonio Maceo, um homem negro, que era o chefe militar e estrategista. Os negros tiveram um papel crucial no movimento operário de Cuba nos anos 50. Jesús Menéndez e Lázaro Peña lideraram dois sindicatos importantes. E eu sabia que negros como Juan Almeida, hoje Comandante da Revolução, tiveram um papel importante na luta revolucionária para derrotar Batista. Mas eu estava mais interessada em aprender o que aconteceu com os negros depois do triunfo da Revolução.

Passsei minhas primeiras semanas em Havana andando e observando. Não achei em nenhum lugar uma vizinhança segregada, mas diversas pessoas me disseram que onde eu estava morando só tinha brancos antes da Revolução. Só de

observações casuais era óbvio que as relações de raça em Cuba eram diferentes do que eram nos eua. Negros e brancos podiam ser vistos juntos em todo lugar – em carros, andando pelas ruas. Crianças de todas as raças brincavam juntas. Era certamente diferente. Sempre que conhecia alguém que falava inglês eu perguntava sua opinião sobre a situação racial: “Racismo é ilegal em Cuba”, me disseram. Muitos balançavam a cabeça e diziam: “Não existe racismo aqui”. Apesar de ter ouvido a mesma resposta de todo mundo, eu me mantive cética e duvidosa. Eu não podia acreditar que era possível eliminar centenas de anos de racismo do nada, em 25 anos ou por aí. Para mim, revoluções não são mágicas e nenhuma varinha mágica poderia ser balançada para criar mudanças da noite pro dia. Eu passei a ver a revolução como um processo. Eu eventualmente me convenci de que o governo cubano estava completamente comprometido em eliminar todas as formas de racismo. Não havia instituições, estruturas ou organizações racistas e eu entendi como o sistema econômico cubano minava mais do que alimentava o racismo.

Eu havia assumido que os negros estariam trabalhando dentro do governo cubano para implementar mudanças e para garantir a continuação das políticas antirracistas que Fidel e os líderes revolucionários haviam instituído em todo aspecto da vida cubana. Um amigo cubano negro me ajudou a entender melhor. Ele me disse que cubanos viam a herança africana como natural. Que há séculos cubanos dançavam ritmos africanos, faziam performances rituais tradicionais e cultuavam deuses como Shangô e Ogun. Ele me disse que Fidel em um discurso disse para o povo: “Nós somos todos afro-cubanos, do mais claro até o mais escuro”.

Eu falei pra ele que achava que era tarefa dos africanos em todo lugar do planeta lutar para reverter os padrões criados pela escravidão e pelo imperialismo. Apesar de ele concordar comigo, rapidamente me informou que não se considerava africano: “Eu sou cubano”. E era óbvio que ele era muito orgulhoso de ser cubano. Ele me contou uma história

de um cubano branco que se voluntariou duas vezes para lutar em Angola. Ele recebeu prêmios por heroísmo: “O caso dele não é comum em Cuba, mas tem algumas pessoas que têm problemas para se adaptar às mudanças”.

“Qual era o problema dele?”, eu perguntei. “Quando o cara chegou em casa, ele fez um grande escândalo com a família. Sua filha queria casar com um homem negro e ele era contra. Ele disse que queria que seus netos parecessem com ele. Foi uma discussão grande e a família toda se envolveu. Esse cara era tão confuso que ele enlouqueceu quando a filha o chamou de racista. Ele queria brigar com todo mundo. Ele ficava pelas ruas, chorando e chutando os postes de luz. Ele não sabia o que fazer. Todo o tempo em Angola lutando com o racismo e ele nunca pensou sobre o próprio racismo.”

Eu concordava com ele de que brancos lutando contra o racismo precisavam lutar em dois níveis, contra o racismo institucionalizado e contra suas próprias ideias racistas. “O que aconteceu com o homem?”, eu perguntei.

“Bem, sua filha casou mesmo assim e sua família o convenceu a ir ao casamento. Agora, ele cuida da neta e diz que é louco por eles, mas o cara ainda não bate bem da cabeça. Toda vez que o vejo, ele fica se desculpando. Eu falei pra ele que não queria suas desculpas. Que ele se desculpasse com a filha e o marido. Desde que ele apoiasse a Revolução, não me importava o que ele pensava. Eu me importo mais com o que ele faz. Se ele realmente apoia a Revolução, então ele vai mudar. E, mesmo que ele nunca mude, seus filhos vão mudar. E seus netos vão mudar ainda mais. É com isso que me importo.”

Toda a questão de raça em Cuba era ainda mais confusa para mim porque todas as categorias de raça eram diferentes. Em primeiro lugar, a maioria dos cubanos brancos nem seriam considerados brancos nos eua. Eles seriam considerados latinos. Eu fiquei chocada em saber que muitos cubanos que pareciam negros para mim não se consideravam negros. Eles se chamavam de mulatos, colorados, morenos e vários outros nomes. Parecia pra mim que todo mundo

que não era muito preto era considerado mulato. A primeira vez que alguém me chamou de “mulata”, eu me senti tão insultada que se eu fosse capaz de me expressar em espanhol, nós teríamos tido uma discussão acalorada na hora.

“Yo no soy mulata. Yo soy una mujer negra y orgullosa soy una mujer negra”, dizia para as pessoas assim que aprendi um pouco de espanhol. Algumas pessoas entendiam o que estava falando, mas outras pensavam que eu ficava muito ligada na questão de raça. Para elas, “mulato” era apenas uma cor, como vermelho, verde ou azul. Mas, para mim, representava uma relação histórica. Todas as minhas associações com a palavra “mulato” eram negativas, representava escravidão, donos de escravos estuprando mulheres pretas. Representava uma casta privilegiada, educada sob valores e cultura europeus. Em alguns países caribenhos, representava o nível intermediário de um sistema de três castas – a casta que agia como um amortecedor entre os brancos governantes e a massa negra.

Eu achava impossível separar a palavra da sua história. Isso me lembrava de um ditado que eu ouvi repetidamente desde a minha infância: “Se você é branca, você tá certa. Se você é marrom, fique por aqui. E, se você é preta, volte”. Eu percebi que para realmente entender a situação, tinha que estudar a história de Cuba toda. Mas, de alguma forma, senti que a coisa do mulato impedia os cubanos de lidar com algumas das ideias negativas que sobraram da escravidão.

O movimento do orgulho negro tem sido muito importante em ajudar o Povo Negro nos eua e em outros países de língua inglesa a ver sua herança africana sob uma luz positiva. Nunca soube de qualquer movimento equivalente em torno do orgulho mulato e eu não conseguia imaginar em que base isso aconteceria. Para mim, era muito importante para todos os descendentes de africanos em todo lugar desse planeta lutar para reverter os padrões políticos, econômicos, psicológicos e sociais criados pela escravidão e pelo imperialismo.

O problema do racismo toma tantas formas e figuras. É um problema complicado que requererá muita análise e luta para resolver. Apesar de os cubanos e eu, de alguma forma, abordarmos o problema de diferentes ângulos, senti que compartilhamos o mesmo objetivo: a abolição do racismo em todo o mundo. Eu respeitava o governo cubano, não apenas por adotar princípios não-racistas, mas por lutar para colocar esses princípios em prática.

Eu prendi minha respiração enquanto esperava minha tia atender o telefone. Fazia cinco anos desde que nos falamos pela última vez. Cinco anos que eu não podia contactar minha família. Com sorte, ela não teria mudado de número. Um clique. E então, finalmente, ouvi sua voz. Eu estava tão feliz.

— Tia, eu quase gritei. — Sou eu, Assata.

— Quem?

— Assata.

— Quem?

— Sou eu. Assata. Eu estou em Cuba. Eu estou em Cuba. Ah, eu te amo. É tão bom ouvir sua voz. Como você está?

A voz do outro lado era da minha tia, mas era tão fria que mal pude acreditar.

— Ah, sim. Assata. Hum, certo. Bem, estou bem.

— Qual o problema, tia? Sou eu, Assata. Você está bem?

— Estou bem.

— Tia. Ai, senti tanta falta de você. Está tudo bem. Está tudo certo. Estou bem. Estou bem. Como está todo mundo? Como está todo mundo? Novamente a voz de gelo.

— Tudo está bem. O que você quer?

— O que eu quero? O que você quer dizer com o que eu quero? Eu quero falar com você. Eu te amo. Você parece tão fria.

— Bem... isso... isso... eu... Houve uma pausa. E então:

— Diga algo para que eu saiba que é realmente você. Algo que só você e eu sabemos.

Enfim entendendo, eu disse a primeira coisa que surgiu na minha cabeça.

— *Anty, panty, jack o'stanty*. Era uma rima boba de criança e ninguém mais poderia saber sobre. Eu costumava implicar com ela com isso quando era criança.

— É você. Ai, meu Deus, é realmente você, ela gritou.

— Espera. Me dá um segundo pra recuperar o fôlego. Como você está?

— Bem, eu disse. Como estão a mamãe e Kakuya?

— Sua mãe está bem. Ai, ela vai ficar tão feliz quando eu falar pra ela que falei com você. Kakuya está bem também. Sua filha está tão grande que você não vai reconhecê-la. Está quase do seu tamanho.

Eu falei pra ela que eu queria ligar para a minha mãe e Kakuya assim que eu terminasse de falar com ela.

— Não. Liga pra ela amanhã. Me deixa ligar antes pra que ela saiba que é você. Onde você disse que está?

— Cuba. Estou ligando de Cuba. Sou uma refugiada política aqui.

— Cuba? Minha tia repetiu.

— Cuba? Você está bem aí? Digo, você está segura?

— Eu acho que sim, eu disse.

— Me sinto bem. Pareceu o único caminho.

Falar com Kakuya e meu irmão no dia seguinte foi como um sonho.

— Oi, uma pequena voz falou no telefone. Foi a voz mais linda que já ouvi. Eu estava nervosa e feliz. Soando baldes.

— Como você está? Eu perguntei pra minha filha.

— Bem.

Me senti como uma vasilha borbulhando. Todos os sentimentos que mantive dentro por tanto tempo jorrando. Eu tinha milhões de coisas que queria perguntar. Um milhão de coisas que queria dizer.

Minha mãe e eu fizemos planos. Ela, minha tia e Kakuya viriam assim que possível. Parecia bom demais pra ser verdade. E era.

Mês após mês se passou. Para que Kakuya conseguisse seu passaporte, ela precisava de uma certidão de nascimento. Minha mãe me disse que por dez anos o Hospital Elmhurst se negou a emitir uma certidão para Kakuya. Finalmente, depois de meses de luta, Evelyn teve que ir ao tribunal para conseguir um documento provando que minha filha havia nascido.

Com o passar dos meses, comecei a entender o inferno que a polícia e o fbi fizeram minha família passar. Depois que eu fugi, a polícia aborreceu minha mãe tão persistentemente e brutalmente que ela teve um ataque do coração. O que eles fizeram com a Evelyn foi inacreditável. Eu entendi porque a Evelyn reagiu à minha ligação daquele jeito. Uma vez, o telefone do escritório dela teve dez interceptações. Ela e a minha mãe tinham recebido bilhetes cafonas com a minha caligrafia. Elas receberam telefonemas com a minha voz dizendo pra elas “que fossem até o lugar e levasse dinheiro”. Elas acharam olhos eletrônicos e todo tipo de dispositivo dentro e em torno de suas casas. Elas experimentaram invasões estranhas onde nada era levado. Mas elas sobreviveram. E ficaram mais fortes no processo.

Enquanto o avião sobrevoava Havana, parecia que o meu coração estava batendo nas minhas costelas para sair. Meu estômago doía. Minha boca estava seca como algodão. Pareceu que um milhão de pessoas saíram do avião antes daquela menina alta com grandes olhos começasse a descer a rampa. Eu pude ver a minha mãe, parecendo frágil, mas ainda tão determinada. Com a minha tia atrás dela, parecendo triunfante.

Quanta coisa que nós todas passamos. Nossa luta começou em um navio negreiro anos antes de nascermos. *Venceremos*, minha palavra favorita em espanhol, passou pela minha cabeça. Dez milhões de pessoas se levantaram contra o monstro. Dez milhões de pessoas há apenas noventa milhas de distância. Nós estávamos aqui juntas na terra deles, minha pequena família, nos abraçando depois de tanto tempo. Não havia dúvidas sobre isso, nosso povo será livre um dia. Os perigosos bandidos não dominam o mundo.



DO EXÍLIO COM AMOR

*A escritora Nisa Islam Muhammad, trabalhando para o jornal The Final Call, viajou para Cuba com um grupo de 15 jornalistas sob a orientação de DeWayne Wickham e o Instituto de Estudos Avançados em Jornalismo. Eles estão documentando a influência africana nas Américas. Enquanto estava lá, lhe foi concedida, em Havana, uma entrevista exclusiva com a ex-Pantera Negra em exílio Assata Shakur. **

Nisa Islam: Assata Shakur é uma heroína do Povo Negro americano. Ela é uma lutadora pela liberdade que escapou das correntes da opressão. Ela conseguiu chegar ao outro lado. Ela é uma irmã que desafiou as definições de comportamento esperado de uma mulher negra. Sua vida é assunto de livros, filmes e poesias. Em suas próprias palavras, ela fala sobre Cuba e terrorismo, diferenças entre as pessoas negras em Cuba e nos EUA, sobre viver em exílio e sua esperança de um novo mundo.

Assata Shakur: Quando eu estava no Partido Pantera Negra, eles (os estados unidos) nos chamavam de terroristas. Como se atrevem a nos chamar de terroristas quando nós estávamos sendo aterrorizados? Terror era uma parte constante da minha vida. Eu estava vivendo sob *apartheid* na Carolina do Norte. Nós vivíamos sob terror policial.

As pessoas precisam enxergar o que realmente está acontecendo. Cuba nunca atacou ninguém. Cuba pratica solidariedade com outros países. Eles enviam professores e doutores para ajudar as pessoas de outros países. Ela acredita na solidariedade.

Ver Cuba ser chamada de um país terrorista é um insulto à realidade. Se as pessoas viessem para Cuba, elas iriam ver

* Entrevista publicada no site do jornal *The Final Call* em 11 de junho de 2002. *The Final Call* é o jornal oficial da Nação do Islam (NOI), fundado em 1979 pelo ministro Louis Farrakhan.

uma realidade diferente do que é dito nos estados unidos. Esse país quer ajudar, não machucar. O governo dos eua tem mentido para o seu povo. O governo dos eua inventa mentiras do tipo Cuba ser um país terrorista para dar um pretexto para destruí-la.

Ronald Reagan convenceu as pessoas que o pequeno país de Granada era uma ameaça ao grande estados unidos. Isso permitiu que os eua invadissem Granada.

As pessoas nos eua precisam lutar contra um sistema de mentiras organizadas. Quando o presidente Carter estava aqui, eles disseram que Cuba estava envolvida em biotecnologia para criar bioterrorismo, mas agora eles olham pra trás e dizem que não. Eles mentiram e continuam a mentir sobre Cuba.

Olhe para a luta com Elián*. Veja o terrorismo promovido pela máfia de Miami. Essas pessoas (cubanos que fugiram depois da Revolução) são ex-donos de plantações, exploradores do povo. Eles querem fazer de Cuba o mesmo tipo de lugar que era antes, mas isso não vai acontecer.

Nisa Islam: Seu nome significa “aquela que luta” e essa é a vida que tem levado. Desde crescer na racista Wilmington, na Carolina do Norte, até sua militância no Partido Pantera Negra e no Exército de Libertação Negra (BLA), a senhora Shakur tem resistido:

Assata Shakur: Minha vida não foi bonita e criativa antes de eu me tornar ativa politicamente. Minha vida mudou to-

* O caso de Elián Gonzalez teve grande repercussão internacional e envolveu os governos de Cuba e dos EUA. Quando tinha cinco anos, em novembro de 1999, a mãe de Elián embarcou clandestinamente com outros cubanos dissidentes em uma jangada improvisada com o menino em direção aos Estados Unidos. O barco afundou e o menino foi achado sozinho após 3 dias boiando no mar em uma câmara de pneu e levado para Miami, ficando aos cuidados do seu avô paterno. Depois de uma disputa com muitas manifestações pró e contra a repatriação de Elián, ele finalmente foi devolvido ao pai, em Cuba.

talmente quando eu comecei a lutar. Mas isso é o que significa ser negra nas Américas, uma vida de luta. Negras e negros em Cuba e nos estados unidos compartilham uma história de escravidão apesar de seus caminhos separarem o jeito como enxergam a vida.

Nisa Islam: Perguntei à irmã Assata o que ela viu como diferenças entre negros em Cuba e nos Estados Unidos:

Assata Shakur: Nós nos esquecemos de onde viemos. As pessoas em Cuba não perderam sua memória. Elas não sofrem de amnésia histórica e cultural. Cuba possui menos riqueza material que os eua, mas são capazes de fazer tanta coisa com tão pouco porque eles sabem de onde vieram.

Esse era um país *maroon*. Os *maroons* fugiram da escravidão e começaram sua própria comunidade. Todo mundo precisa se identificar com a sua própria história. Se você sabe a sua história, você pode construir o seu futuro.

Os cubanos se identificam com aqueles que lutaram contra a escravidão. Eles não se identificam com o senhor da casa-grande. Aqueles que fizeram a Revolução não deixaram as pessoas esquecerem o que aconteceu com elas. As pessoas aqui estudam seriamente a história.

Nós precisamos deseurocentrizar a história que aprendemos. Nós precisamos dar a verdadeira perspectiva ao que aconteceu. Nós precisamos criar um mundo para conhecer e nos lembrar dos nossos. Eu não tinha ideia de quão ignorante eu era até chegar em Cuba. Eu não tinha conhecimento de autores, produtores de filmes e artistas de fora dos estados unidos. Nós acreditamos que somos livres, mas não somos. Nossa visão de mundo é contaminada.

Nisa Islam: O ano é 1973 e um incidente do que hoje seria chamado de “filtragem racial” acontece na rodovia de Nova Jersey. A senhora Shakur, ativamente envolvida no Exército de Libertação Negra (BLA), está viajando com Malik Zayd Shakur e Sundiata Acoli. Policiais estaduais os pararam, segundo eles, por causa de uma lanterna quebrada. Um polici-

al também explica que eles eram “suspeitos” porque tinham placas no carro de Vermont. Os três foram obrigados a descer do carro com as mãos para cima. De repente, um tiroteio começou.

Até aí todo mundo parece concordar. O que aconteceu em seguida mudou o rumo da história para Assata Shakur. Tiros foram disparados e depois que tudo acabou, o policial Werner Foerster e Malik Shakur estavam mortos. A senhora Shakur e o senhor Acoli foram acusados pela morte do oficial Foerster. Ambos foram condenados no julgamento. O veredito não foi surpresa. Mas muitos questionam a injustiça racial feita por um júri composto inteiramente por brancos e o perjúrio admitido pela testemunha estrela do julgamento.

Assata Shakur: Eu fui baleada com minhas mãos pra cima. Minhas feridas não poderiam acontecer a não ser que minhas mãos estivessem pra cima. A bala entrou embaixo do meu braço e foi até depois da minha clavícula. É medicinalmente impossível para isso acontecer se meus braços estivessem pra baixo.

Eu fui sentenciada à prisão perpétua e mais 30 anos por um júri todo branco. O que eu vi na prisão foram paredes inteiras de carne negra acorrentada. Mulheres enjauladas em celas. Mas nós somos os terroristas. Simplesmente não faz sentido.

Nisa Islam: Em uma carta para Kofi Owuso, datada de agosto de 24 de 1973, da Middlesex County Jail em New Brunswick, Nova Jersey, ela descreve a vida atrás das grades:

Assata Shakur: Não posso começar a imaginar quantas irmãs foram encarceradas nessa cela de detenção e toda a agonia que sentiram e as lágrimas que dividiram. Essa é a cela onde eles botam irmãs que estão passando por tempos difíceis, largando o vício ou que foram enlouquecidas por tanta opressão.

São sentimentos como esses que me fazem consciente de quão feliz eu sou de ser uma revolucionária. Eu sei quem são nossos inimigos e eu sei que eu e esses porcos não podemos viver pacificamente no mesmo planeta. Eu sou parte de uma família de negros do campo e isso é algo muito precioso.

Muitas das minhas irmãs não têm noção de quem são os verdadeiros criminosos e cachorros. Elas se culpam por passarem fome; elas se odeiam por sobreviver do melhor jeito que sabem, de ver tanto medo, dúvida, dor e auto-ódio é a parte mais dolorosa nesse campo de concentração.

De qualquer jeito, apesar de tudo, eu sinto uma brisa no meu pescoço se transformando num furacão e quando eu respiro fundo, eu posso sentir o cheiro da liberdade.

Nisa Islam: Ela passou seis anos e meio na prisão, dois desses na solitária. Durante esse tempo, ela deu luz à sua filha Kakuya. Em 1979, ela foi libertada por companheiros em uma ousada fuga que até hoje enfurece a Polícia Estadual de Nova Jersey. Houve buscas por todo país para achá-la. Em 1984, ela foi para Cuba e uniu-se à sua filha.

Assata Shakur: Quando eu vim para Cuba, esperava que todo mundo parecesse Fidel. Mas você olha para todo mundo e todos são diferentes. Eu vi negros, brancos, asiáticos, todos vivendo e trabalhando juntos. As mulheres cubanas se vestiam com tanta elegância e bem penteadas.

As pessoas simplesmente falavam comigo nas ruas. Eu me perguntava por que até perceber que as pessoas não têm medo umas das outras. As pessoas nos estados unidos têm medo de andar nas ruas. Aqui não é assim.

Eu percebi que tinha que me curar. Eu não sabia a extensão das minhas feridas até vir a Cuba. Eu comecei a me curar com o meu trabalho, criando a minha filha e sendo parte de uma cultura que lhe valoriza.

Viver em Cuba significa ser valorizada pela sociedade, não desvalorizada. Não importa o que façamos nos estados

unidos, não importa o que conquistarmos, ainda assim não somos valorizados pela sociedade norte-americana.

Quem são essas pessoas nessa pequena nação da ilha de Cuba a apenas 150 quilômetros da Flórida? Quem são essas pessoas que se atrevem a dizer “não” para os estados unidos? Quem são esses 11 milhões de revolucionários que resistem na cara do país mais poderoso do mundo?

Cubanos sentem que eles têm poder. Não importa quem sejam. Eles se enxergam como parte do mundo. Nós nos vemos apenas como parte do gueto. Eles se identificam com os povos oprimidos em todo o mundo.

Quando os angolanos estavam lutando contra a África do Sul, eles pediram ajuda para Cuba. Soldados foram enviados. Eles foram com prazer.

Cubanos possuem uma perspectiva diferente sobre ultraje e justiça. Um soldado cubano branco voltou depois de lutar e expressou seu desdenho pelos brancos que estavam apoiando o *apartheid*.

Eu olhei para ele e na minha cabeça ele era tão branco como todos os outros, mas não era assim que ele se via. Ele não conseguia entender como os sul-africanos podiam apoiar o *apartheid*.

Sempre que você tem um país que faz com que as pessoas se sintam indignadas com atrocidades, onde quer que estejam, esse país tem um lugar especial no meu coração. Cuba está tentando acabar com a exploração e atrocidades.

Nisa Islam: Por quase 20 anos, ela construiu uma vida para si em Cuba. Ela vive em exílio e enquanto muitos se alegram com a sua nova vida, os Estados Unidos não esqueceram seus supostos crimes. Em 1997, a Polícia Estadual de Nova Jersey escreveu para o Papa pedindo que o pontífice ajudasse na extradição dela.

A então governadora de Nova Jersey, Christine Todd Whitman, lançou uma recompensa de 100 mil dólares para qualquer ajuda na captura de Assata Shakur. O Congresso aprovou um projeto de lei para Cuba mandá-la de volta, que

foi apoiada pela maioria dos congressistas negros. Na ausência de relações normalizadas com Cuba, não há nenhum tratado obrigatório de extradição entre Cuba e Estados Unidos. Como é viver no exílio? Como é ficar longe da família e amigos?

Assata Shakur: Viver no exílio é difícil. Eu tenho saudades da minha família e amigos. Sinto saudades da cultura, da música, de como as pessoas falam e da sua criatividade. Eu sinto falta do olhar de reconhecimento que mulheres negras dão umas às outras, a compreensão que expressamos sem dizer uma palavra.

Me adaptei aprendendo a entender o que estava acontecendo no mundo. Os cubanos me ajudaram a me adaptar. Eu conheci alegrias na vida aprendendo outras culturas. Foi um privilégio vir pra cá, pra essa cultura tão rica.

Eu tinha um grande medo dos cubanos me odiarem quando cheguei aqui. Eles são muito sofisticados. Eles eram capazes de separar as pessoas dos estados unidos, como eu, do governo.

Nisa Islam: Que mensagem tem para os jovens? O que quer que as pessoas saibam sobre sua vida?

Assata Shakur: Eu não me vejo de forma tão diferente de irmãs que lutam por justiça social. Nos anos 1960 era mais fácil de identificar o racismo. Havia sinais que lhe diziam de onde você pertencia. Nós tínhamos que lutar para acabar com o *apartheid* no Sul. Agora nós temos que saber as outras formas de racismo que existem hoje.

Nós tivemos que aprender que nós somos lindas. Nós tivemos que reaprender algo que foi forçosamente tirado de nós. Nós tivemos que aprender sobre o Poder Negro. O povo tem o poder de se unir. Nós aprendemos a importância de nos juntarmos e sermos ativas. Isso me motivou.

Nós sabíamos o quão simbólico era. Os jovens de hoje não veem Condoleezza Rice ou Colin Powell como símbolos. Essa é a questão.

Eu percebi que estava conectada com a África. Não era apenas uma menina negra. Eu era parte de todo um mundo que queria uma vida melhor. Eu sou parte de uma maioria e não de uma minoria. Minha vida tem sido uma vida de crescimento. Se você não está crescendo, você não vai entender o amor real. Se você não está chegando até as pessoas para ajudar os outros, então você está encolhendo. Minha vida tem sido ativa. Eu não sou uma espectadora.

Nós não podemos nos permitir sermos espectadores enquanto nossas vidas deterioram. Nós temos que verdadeiramente amar o nosso povo e trabalhar para fazer com que esse amor seja mais forte.

Nisa Islam: A senhora Shakur está terminando outro livro sobre sua vida no exílio e suas experiências em Cuba.

MENSAGEM PARA MINHAS IRMÃS

*Assata Shakur**

Nesse momento gostaria de dizer algumas palavras especialmente para minhas irmãs.

Irmãs, o Povo Negro nunca será livre a menos que as mulheres negras participem de cada aspecto da nossa luta, em todos os níveis da nossa luta. Acredito que as mulheres negras, mais do que ninguém na face da terra, reconhecem a urgência da nossa situação. Porque somos nós que ficamos, diariamente, face a face com as instituições de nossa opressão. E porque somos nós que temos tido a maior responsabilidade em criar nossas crianças. E somos nós que temos que lidar com os sistemas de assistência social que não se importam com o bem-estar das nossas crianças. E somos nós que temos que lidar com os sistemas educacionais que não educam nossas crianças. Somos nós que temos que enfrentar as professoras racistas que ensinam nossas crianças a se odiarem. Somos nós que temos visto os efeitos terríveis do racismo em nossas crianças.

Quero um momento para expressar meu amor por todas vocês que arriscam suas vidas diariamente lutando aqui e nas linhas de frente. Nós, que temos assistido nossa juventude envelhecer tão cedo. Nós que temos assistido nossas crianças chegarem em casa raivosas e frustradas, visto elas crescerem mais amarguradas e mais desiludidas com o passar de cada dia. E nós que temos visto a doença, o olhar assustado nos rostos de nossas crianças quando elas compreendem totalmente o que significa ser negro na América. E

* Mensagem escrita por Assata Shakur e datada de 11 março de 2005, em Havana (Cuba). Tradução para o português a partir da versão em inglês disponível no site AssataShakur.org.

nós sabemos o que é privação. Quantas vezes ficamos sem a passagem de ônibus, dinheiro do aluguel, da comida e quantas vezes nossas crianças tiveram que ir para a escola com roupas de segunda mão, com furos em seus sapatos.

Nós sabemos a prisão infernal que é a amérika. Nós ficamos com medo de deixar nossas crianças saírem pra brincar. Ficamos com medo de andar nas ruas à noite. Nós, irmãs, vemos nossos jovens, os bebês que trouxemos para este mundo com tantas esperanças, com seus corpos inchados e doloridos por drogas, marcados e deformados por buracos de bala. Nós sabemos o que é opressão. Nós que temos sido abusadas de várias formas imagináveis. Nós que temos sido abusadas economicamente e politicamente. Nós que temos sido abusadas fisicamente e sexualmente. E irmãs, nós temos uma longa e gloriosa história de luta nesta terra. Mulheres africanas eram guerreiras fortes e corajosas muito antes de nós virmos acorrentadas para esse país. E aqui, na amérika, nossas irmãs têm estado nas linhas de frente. A irmã Harriet Tubman liderou a *Underground Railroad*. E irmãs como Rosa Parks, Fannie Lou Hammer, Sandra Pratt e nossa Queen Mother Moore deram continuidade a isso. Irmãs, nós temos sido a espinha dorsal de nossas comunidades e temos que ser a espinha dorsal da nossa nação. Temos que construir unidades familiares fortes, baseadas em amor e luta. Nós não temos tempo para brincar.

Uma mulher revolucionária não pode ter nenhum homem reacionário. Se ele não é pela libertação, se ele não é pela luta, se ele não é pela construção de uma Nação Negra forte, então ele não é de nada. Nós sabemos como lutar. Nós sabemos como lutar e ser astutas para sobreviver. Nós sabemos o que significa, irmãs, lutar com unhas e dentes. Nós sabemos o que significa lutar com amor. Nós sabemos o que é unidade. Nós sabemos o que é irmandade. Nós temos sido sempre gentis umas com as outras, comprado sopa quente e biscoitos umas para as outras. Nós temos nos ajudados nos momentos difíceis. Irmãs, nós temos que celebrar a mulheridade africana. Nós não queremos ser como senhorita

Ann. Ela pode manter seus cílios postiços com sua falsa e espoliada imagem de mulheridade. Ela pode manter sua Mink Stole e sua mobília provincial francesa. Nós vamos definir por nós mesmas o que é mulheridade. E nós vamos criar o nosso próprio estilo e nossas próprias formas de vestir. Nós não podemos ter um homem branco na França dizendo às mulheres africanas como aparentar. Nós vamos criar nosso próprio jeito *novofricano* de viver. Nós vamos criar nosso próprio jeito de ser e viver nossa própria cultura *novafriicana*, pegando o melhor do antigo e misturando com o novo.

Irmãs, nós temos que tomar o controle de nossas vidas e do nosso futuro em qualquer lugar que estejamos e nós temos que nos organizar num corpo forte de mulheres africanas.



ASANTE SANA

*Assata Shakur**

Primeiramente, deixe-me dizer obrigada a tantas pessoas que me ajudaram a celebrar meu 60º aniversário. Obrigada pelos seus lindos cartões de aniversário e pelas suas mensagens calorosas e eloquentes. Obrigada pelo seu ativismo, sua energia radiante e acima de tudo por seu amor. Eu sou sinceramente grata pelo seu apoio e pelo seu compromisso com a justiça social, a verdade e a liberdade.

De alguma forma é surpreendente para mim perceber que tenho vivido neste mundo por 60 anos. Eu nunca imaginei que fosse viver tanto. Alguns destes anos foram muito difíceis, outros foram mais felizes, mas eu nunca esqueci quem sou e de onde vim. Desde que consigo me lembrar, estava consciente da minha opressão e da opressão do meu povo.

De certa forma, era mais fácil para a minha geração. O racismo era gritante e óbvio. Os avisos de “*apenas brancos*” deixavam-nos saber claramente o que estávamos enfrentando. Não mudou muito, mas o sistema de mentiras e traças tecnológicas é muito mais sofisticado. Hoje os jovens têm que estar altamente informados e agudamente analíticos ou serão varridos em um redemoinho de mentiras e decepções.

Independência, justiça e liberdade são palavras bastante difundidas nos estados unidos, mas para a maioria de nós, isso é retórica vazia. A cada dia que passa o país se torna

* Mensagem escrita por Assata Shakur por ocasião do seu aniversário de 60 anos, completados em 16 de julho de 2007. O termo “*asante sana*” significa “muito obrigado” no idioma africano Swahili. Tradução para o português a partir da versão em inglês disponível no site AssataShakur.org.

mais repressivo, a polícia mais violentamente agressiva e as chamadas garantias constitucionais obliteradas pelas táticas do medo. Os chamados “conservadores” estão somente interessados em manter seus privilégios e poder ou em ajudar seus amigos ricos a se tornarem mais ricos. Negros “conservadores” servem a seus “senhores” e estão basicamente interessados em mostrar os dentes, se misturar e seguir como uns “*Uncle Tom*” o caminho até o banco. Essa é a administração mais corrupta que já existiu. Eles têm roubado descaradamente não apenas milhões, mas bilhões de dólares. Eles estão procurando, ativamente, manter a velha ordem colonial com uma nova face, onde se espera que os povos oprimidos da Ásia, África, América Latina e do Oriente Médio sofram alegremente e cantem louvores para o imperialismo, para a melodia da bandeira de estrelas de lanterna.

É extremamente arrogante atacar e ocupar um país e esperar que sua população se alegre e lamba seus pés. Nem mesmo o Império Romano manteve uma lógica tão desorientada. O governo dos eua não tem o direito de tudo, de forçar sua “democracia” antidemocrática ao resto do mundo. Eu tenho 60 anos e eu não consigo me lembrar de nenhuma época em que meu povo tenha vivido em verdadeira democracia. Ainda é atividade política do governo dos eua usar uma ampla variedade de táticas para prevenir pessoas pobres e pessoas de cor de votar. E quando nós conseguimos votar, frequentemente os nossos votos não são contados. Na maioria das vezes, não há candidatos decentes em quem votar, porque os eua é governado por uma “dinheirocracia” onde candidatos têm que mendigar e agradar às ricas corporações para serem eleitos.

Eu tenho 60 anos e nunca vi em minha vida tanta violência e crueldade. O governo dos eua mantém mais pessoas na prisão do que qualquer outro país e está ativamente envolvido em criar prisões ao redor do mundo. Abu Ghraib é somente a ponta do iceberg. Pessoas ao redor do mundo estão sendo encarceradas em prisões secretas, sem ter acusações

formais contra elas. Elas estão aprisionadas sob as condições mais sub-humanas e detidas por períodos de tempo indeterminado, sem direitos, sem julgamentos e sem qualquer justiça. Em suma, os líderes deste país são criminosos de guerra. Tudo que o governo dos eua tem que fazer é chama-las de terroristas, extremistas e combatentes inimigos e eles podem fazer qualquer coisa que quiserem com essas pessoas. Eu moro em Cuba e o povo cubano assiste horrorizado como os eua ocupam ilegalmente suas terras em Guantánamo e cometem ações indescritíveis de tortura no seu solo, em nome da “liberdade”. O governo dos eua não somente destrói as vidas das pessoas ao redor do mundo, muitas mães têm chorado porque muitos dos nossos jovens têm suas vidas destruídas também. Acredito que este mundo foi feito para a ternura e não para o terror. Os países imperialistas não somente implementam políticas terroristas no Terceiro Mundo, suas ações também provocam atividades terroristas e disputas internas entre os povos.

Eu acredito que quando os governos ocidentais aprenderem a respeitar os governos do Terceiro Mundo e oferecerem solidariedade e suporte ao invés de políticas imperialistas e exploração, a maioria dos problemas do mundo estará perto de ser resolvida.

Dentro do ventre da besta, as condições também são desastrosas. A maioria das vítimas do Katrina ainda está esperando por casas decentes e serviços públicos. Escolas e hospitais em todo país estão deteriorando ou fechando. Em todo o país programas sociais para ajudar pessoas pobres e trabalhadoras são, na sua maior parte, coisa do passado. Nossos jovens estão sendo marginalizados, criminalizados e brutalizados. É sempre um ato de coragem ir à escola ou simplesmente dirigir pelas ruas. A ocupação do governo dos eua no Afeganistão tem causado um crescimento recorde da produção de heroína, e a “guerra às drogas” continua a ser uma guerra contra pobres e pessoas de cor. A brutalidade policial em nossas comunidades não é uma simples questão de “maus” policiais aleatórios. Esse governo é mais repres-

sivo do que nunca e cada vez mais um Estado policial. Quando se tem um presidente assassino, um vice-presidente assassino, um gabinete de segurança interna de assassinos se tem obrigatoriamente cada vez mais duma polícia assassina e muitos de nossos jovens acabam mortos ou presos. As políticas sociais dos estados unidos deterioraram-se da chamada negligência benigna à hostilidade maligna ou indiferença.

O papel que a imprensa e os meios de comunicação têm desempenhado em tudo isso tem sido cada vez mais maligno. Não existe algo como uma imprensa livre nos estados unidos. Jornalistas recebem grandes salários para contar mentiras “oficiais”. A mídia, tanto com conhecimento de causa quanto ingenuamente, se tornou veículo para a desinformação do povo nos estados unidos e para o convencimento de que era necessário ir à guerra. Seu “relato” estava baseado em mentiras descaradas. Agora eles “incorporaram-se” nas forças armadas, continuando a desinformação de pessoas e a distorção da verdade.

Eu tenho 60 anos e eu sou orgulhosa de ser uma das pessoas que se levantaram contra as políticas imperialistas impiedosas e perversas do governo dos eua. Em minha vida eu me opus à guerra contra a população vietnamita, aos Contras ilegais da guerra na Nicarágua, à ocupação ilegal no Chile, à invasão do Haiti e de Granada, e a toda e qualquer outra guerra ilegal, imoral e genocida que o governo dos eua tenham promovido.

Eu nunca fui uma criminosa e eu nunca serei uma. Eu tenho 60 anos e, apesar da repressão governamental, apesar das mentiras e distorções da mídia, apesar do COINTELPRO do governo dos eua para criminalizar e demonizar oponentes políticos, eu sinto orgulho de me considerar alguém que acredita na paz e acredita na liberdade. Eu sou orgulhosa de ter sido membro do Partido Pantera Negra apesar do governo dos eua continuar a tentar distorcer a história e continuar a perseguir ex-membros do Partido. Ainda recentemente, o governo dos eua indiciou e prendeu 8 ex-Panteras

Negras em um caso que foi desmentido há 30 anos atrás. O caso foi desmentido há 30 anos atrás quando se tornou óbvio que foram usadas as formas mais cruéis e de extrema tortura para extrair confissões falsas de alguns dos chamados réus.

Eu tenho 60 anos e é improvável que viva para ver meu povo livre da opressão e da repressão. Mas estou totalmente convencida que nosso sonho coletivo de liberdade irá algum dia ser realizado. Eu sinceramente imploro aos jovens para desenvolver suas mentes, para desenvolver suas habilidades, para expandir seus estados de consciência e aguçarem suas habilidades para analisar a realidade. Aqueles africanos que conspiraram com o tráfico europeu para vender-nos à escravidão foram seduzidos por bugigangas. Espero e rezo que nossa juventude não continue a cair nas mesmas armadilhas. Sempre amei meu povo e sempre amei nossa cultura. A cultura do meu povo sempre foi rica e sempre foi preenchida com as sementes da resistência. Espero que os jovens se apeguem a essa tradição. Sinceramente espero que todos os jovens tenham a coragem e a sabedoria para manter firme a sua humanidade e a sua missão histórica. A maioria das pessoas nas Américas, ou eram povos indígenas cujos ancestrais foram vítimas de genocídio, ou foram trazidas para esse hemisfério como escravos, ou vieram para esse continente em busca de liberdade. Acredito que é nosso dever coletivo tornar a liberdade uma realidade. Acredito verdadeiramente que é possível pôr fim à opressão e repressão nesse planeta. Se todos nós nos vermos como cidadãos deste mundo será fácil para nós salvar este planeta e reconhecer os direitos dos seres humanos de todo o mundo.

Muito amor, muita solidariedade. Que todos nós possamos fazer da liberdade uma realidade.





adandē



“

Eu declarei guerra aos ricos que prosperam em cima da nossa pobreza, aos políticos que mentem para nós com sorrisos nos rostos e aos robôs sem mente e coração que protegem eles e sua riqueza. (...) Eu sou uma revolucionária negra, e, como tal, sou vítima de toda a ira, ódio e difamação que a América é capaz.

”

**adandê**